

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE
DO NORTE

DIEGO GLEMERSON DE LIMA E SILVA

**LUGAR, COTIDIANO E ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL
PROFESSOR ANTÔNIO PINTO MEDEIROS EM NATAL/RN**

NATAL

2017

DIEGO GLEMERSON DE LIMA E SILVA

**LUGAR, COTIDIANO E ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL
PROFESSOR ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS EM NATAL/RN.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura Plena em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legis como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Geografia.

Orientador: M.e João Correia Saraiva Junior

NATAL

2017

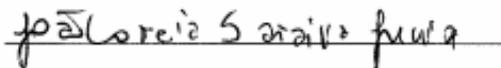
DIEGO GLEMERSON DE LIMA E SILVA

**LUGAR, COTIDIANO E ENSINO DE GEOGRAFIA NA ESCOLA ESTADUAL
PROFESSOR ANTÔNIO PINTO MEDEIROS EM NATAL/RN.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Licenciatura Plena em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legis como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura em Geografia.

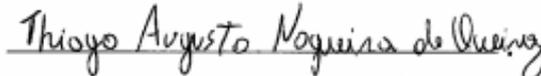
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em 21/12/2017 pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA



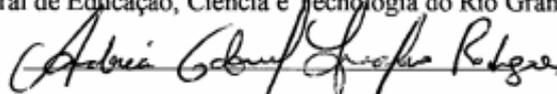
João Correia Saraiva, M.^o - Presidente

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Thiago Augusto Nogueira de Queiroz, M.^o - Examinador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Andréa Gabriel F. Rodrigues, Dra. - Examinadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Silva, Diego Glemerson de Lima e Silva.

S586l Lugar, cotidiano e ensino de geografia na Escola Estadual Professor Antônio Pinto Medeiros em Natal/RN / Diego Glemerson de Lima e Silva. – 2017.

81 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Natal, 2017.

Orientador(a): Prof. ^a M.e João Correia Saraiva Junior.

1. Ensino de Geografia. 2. Aprendizagem. 3. Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros. I. Junior Saraiva, João Correia. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. III. Título.

CDU 9:37

Dedico ao meu Pai por sempre acreditar em mim e ensinar-me os valores que devemos ter nessa passagem aqui na terra. Dedico também ao meu orientador e amigo João Correia pela paciência e perseverança em incentivar-me a concluir este trabalho e pelos momentos de prontidão a oferecer os direcionamentos a serem seguidos para a elaboração do mesmo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente Deus por conceder-me a vida e me dar a oportunidade de correr atrás do que almejo como ser ativo perante a sociedade. De lutar por um mundo mais justo com menos desigualdades sócias.

A meu pai, por mostrar-me os caminhos da seriedade e da honestidade. De ensinar-me os caminhos a serem seguidos para se alcançar o que almejo. Por, mesmo nas horas difíceis nunca cometer qualquer atitude ilícita para pôr o pão a mesa.

Aos meus queridos e eternos amigos do curso de Geografia, que proporcionam a partir de nossas vivencias, o engrandecimento como pessoal e fortalecimento na busca de melhorar constantemente o nosso perfil profissional através das trocas de experiências

Aos meus amigos e colegas de faculdade Hudson Alves, Marcelo França e Mayra Raiza que ofereceram grandiosa ajuda na elaboração desse trabalho.

Ao Professor de Geografia e a direção da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros, que cedeu-me o espaço para que eu viesse aplicar essa pesquisa nessa instituição de ensino. Agradeço da mesma forma aos alunos dessa escola que vieram a participar desse trabalho.

A minha companheira de todas as horas Rita de Cássia, por aguentar a minha personalidade forte, principalmente nos momentos em que passei noites de pesquisa e escrita deste trabalho.

A todos os professores que ajudaram-me na obtenção não só da formação acadêmica, mas também, e se não mais importante, da formação humana proporcionada por esses profissionais exímios de inteligência grandiosa. Em especial agradeço aos professores; José Mateus, Andrea Gabriel, Thiago Augusto, João Palhano, Maria Luiza, Cristina Cavalcante, dentre todos que vieram a compartilhar seus ensinamentos durante os anos da formação acadêmica.

“Consumismo e competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão do mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumidor e a figura do cidadão”.

Milton Santos

RESUMO

O presente trabalho foi realizado com os alunos e o professor de Geografia das turmas do 2º ano do ensino médio no período vespertino da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros que fica localizada no bairro Pitimbu no município de Natal/RN. Considerando os aspectos do ensino aprendizagem em Geografia, o objetivo geral deste trabalho é analisar como o professor procura estabelecer conexões entre os conteúdos curriculares e os aspectos vivenciados por seu corpo discente tomando como evidencia as relações estabelecidas com o lugar em que vivem. Essa perspectiva surgiu da problemática de procurar evidenciar se o ensino de Geografia realizado nas turmas observadas apresenta articulações com os assuntos trabalhados no ensino dessa disciplina com o cotidiano vivenciado pelos alunos. Para tanto procuramos compreender como se caracteriza as metodologias utilizadas pelo o referido professor durante a abordagem dos conteúdos didáticos, como também os reflexos desse processo no que diz respeito a utilidade da aprendizagem obtida pelos alunos no seu dia a dia. Para atingir tais objetivos, além de pesquisa bibliográficos em livros, dissertações e teses, foi realizado um estudo de caso nas turmas anteriormente citadas, onde podemos coletar e analisar dados a partir de observações aferidas nas turmas, como também exploramos as informações obtidas a partir dos questionários aplicados tanto aos alunos como ao professor de Geografia. Os resultados nos evidenciam que o referido docente se utiliza de vários mecanismos para tentar dinamizar e procurar maior participação dos alunos nos assuntos trabalhados em sala de aula. Para tanto, o uso constante de variados recursos didáticos permite que o aluno tenha uma diversidade de técnicas que estimulam o interesse em apreender os assuntos tratados. Outro ponto bastante importante foi a atitude do professor em sempre procurar relacionar os assuntos da Geografia com elementos vivenciados por seus alunos em seu cotidiano. Essa pratica foi constatada e exemplifica pelos próprios alunos, uma vez que, em diversos momentos vieram a interpelar exemplos de como o professor utiliza-se dessas práticas de ensino.

Palavras-chave: Geografia escolar. Ensino. Aprendizagem. Lugar. Cotidiano.

ABSTRACT

The present work was carried out with the students and the Geography teacher of the 2nd year high school classes in the afternoon period of the State School Professor Antônio Pinto de Medeiros, located in the district of Pitumbu in the municipality of Natal/RN. Considering the aspects of teaching learning in Geography, the general objective of this work is to analyze how the teacher seeks to establish connections between the curricular contents and the aspects experienced by his or her student body taking as evidenced the relations established with the place in which they live. In addition, we try to understand if it characterizes the methodologies used by the said teacher during the approach of the didactic contents, as well as the reflexes of that process with respect to the usefulness of the learning obtained by the students in their day to day. In order to reach such objectives, in addition to bibliographical research in books, dissertations and theses, the analysis of data collected from observations assessed in the classes was carried out, as well as the information obtained from the questionnaires applied to both the students and the teacher of Geography. The results show that the teacher uses several mechanisms to try to dynamize and seek greater participation of students in the subjects worked in the classroom. For this, the constant use of varied didactic resources allows the student to have a diversity of techniques that stimulate the interest in apprehending the subjects treated. Another important point was the teacher's attitude in always seeking to relate the subjects of Geography with elements experienced by his students in his daily life. This practice was verified and exemplified by the students themselves, since at different times they came to question examples of how the teacher uses these teaching practices.

Keywords: School geography. Teaching. Learning. Place. Daily.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 -	Mapa de localização da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros	13
Quadro 1 -	Quadro da faixa etária da turma do 2º ano “A”.	45
Quadro 2 -	Quadro da faixa etária da turma do 2º ano “B”	46
Quadro 3 -	Quadro da faixa etária da turma do 2º ano “C”.	46
Gráfico 1 -	Gráfico: Bairro de moradia dos alunos (%)	49
Quadro 4 -	Quadro da relação entre os Anos que os alunos residem em seu bairro e a quantidade de alunos	50
Gráfico 2 -	Gráfico: Elementos que estão presentes nos Bairros em que os alunos residem.	52
Gráfico 3 -	Gráfico: Sistematização da sexta questão	57
Gráfico 4 -	Gráfico: Sistematização da questão 07.	59
Gráfico 5 -	Gráfico: Recursos, segundo os alunos, utilizados pelo o professor de Geografia.	61
Gráfico 6 -	Gráfico das respostas dos alunos ao serem indagados se o professor procura questionar os alunos durante as aulas	63
Quadro 5 -	Utilização dos recursos didáticos usado pelo professor.	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DO SENSO COMUM AO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO	18
3	O PAPEL DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA NO AMBIENTE ESCOLAR	24
4	O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO MUNDO GLOBALIZADO	34
5	ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS PONTOS DESSA INTERLIGAÇÃO	39
6	ANÁLISE DOS DADOS: OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO DURANTE AS AULAS DE GEOGRAFIA	42
6.1	ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	44
6.2	ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.	64
7	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA	71
	REFERÊNCIAS	74
	APÊNDICE A – Entrevista aplicada junto aos alunos.	76
	APÊNDICE B – Entrevista aplicada junto ao professor titular de Geografia.	79

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia, disciplina que compõe o currículo da educação básica, vem enfrentando vários problemas. Um desses, e que será o objeto de estudo deste trabalho, encontra-se relacionado como os conteúdos geográficos podem ser contextualizados de acordo o cotidiano vivenciado pelo o aluno. Nesse contexto, apesar da disciplina geográfica ser caracterizada pelo seu alto grau de flexibilidade na abordagem de seus conteúdos, ao se referir a categoria de análise do lugar, que permite aos professores a condução de discussões de temas trabalhados em várias perspectivas, infelizmente esse atributo não é totalmente aproveitado. Tal afirmação se torna relutante, uma vez que geralmente o que encontramos no ensino dessa disciplina do ensino básico são aulas cansativas, entediantes, aonde ainda usa-se constantemente a prática da memorização dos conteúdos e termos utilizados por esse ramo do saber (KAERCCHER, 2014).

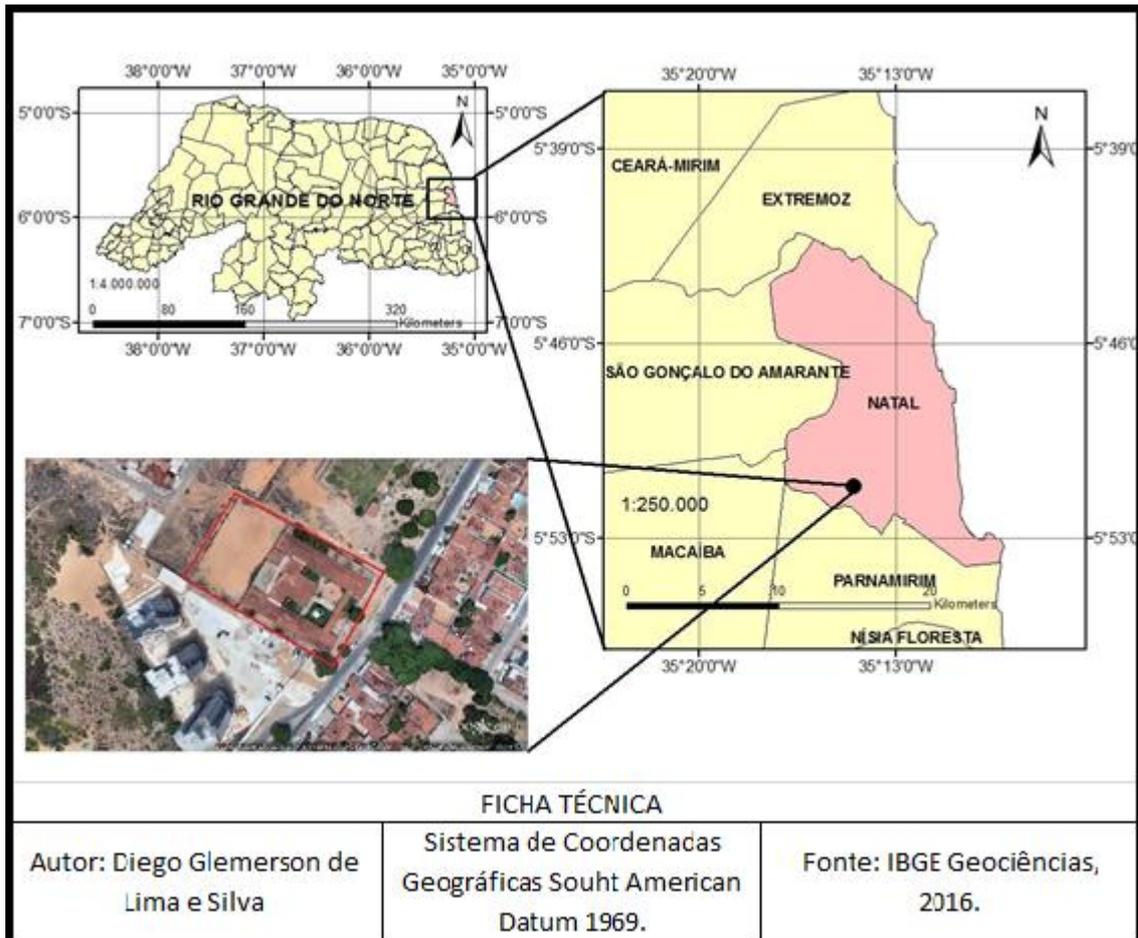
Nessa perspectiva, o que se perpetua no ensino dessa disciplina são conteúdos descontextualizados do cotidiano observado pelos discentes, aonde não os leva para a compreensão do espaço onde estes mantêm as suas relações sociais. Logo, não se estimula a apreensão, reflexão e crítica dos mecanismos externas e internas gerados pela a sociedade que levam as modificações imprimidas sobre o espaço. Não ocorre o incentivo para que os alunos percebam que tais práticas irão se refletir sobre o seu lugar de vivencia, e que intrinsecamente, viera a se refletir sobre o seu modo de vida (LIBÂNEO, 1994).

Logo, este trabalho vem utilizar das ideias de vários estudos realizados por autores que trabalham sobre o ensino de geografia, tais como: Callai (2001); Castrogiovanni (2002); Cavalcanti (2001, 2002); Kaercher (2002, 2003, 20014) Pontuschka (2001); Vesentine (2009), dentre vários outros, que nos permite fazer um exercício reflexivo sobre o contexto do ensino de Geografia no nosso país. Além disso, outras discussões vieram a ser embasadas nos documentos oficiais que regem o ensino dessa disciplina, tais como: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia, bem como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio.

Diante do exposto, procura entender se o professor dessa disciplina no ensino básico vem a procurar articular os saberes geográficos com os diversos fenômenos que se manifestam no lugar vivenciado por seus alunos se torna o questionamento fundamental para a sistematização desse trabalho. Assim, procuramos fazer essa análise nas turmas do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros situada na Rua Rio Paranapanema, s/n, Bairro Pitimbu, Natal/RN (Figura 01). Desta forma, a partir das reflexões proporcionadas pela a leitura das obras dos autores supracitados acima, bem como das

observações realizadas na transposição das aulas abordadas na escola em questão e partir da aplicação de questionários empreendido junto aos alunos e professor dessa disciplina, tentaremos compreender se o ensino de Geografia está oferecendo as bases para que os alunos venham a desenvolver uma análise crítica do lugar por eles habitado, bem como se há um estímulo para o exercício da cidadania.

Mapa 1 - Mapa de localização da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros.



Fonte: Autoria própria, adaptado IBGE (2016).

Como procedimentos metodológicos foi utilizado as observações aferidas as aulas da disciplina de Geografia nas turmas dos 2^{os} anos (turmas “A”, “B” e “C”) do Ensino Médio no período vespertino na Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros. Cada turma, respectivamente, é composta pelo seguinte quantitativo de alunos: a turma “A” comporta 38 alunos; já a turma “B” é composta por 41 alunos; e a turma “C” é por 32 alunos. Contudo, o quantitativo de alunos entrevistados foram os seguintes: na turma “A” vieram a ser entrevistados 33 alunos; na turma “B” 36 alunos responderam o questionário; e a turma “C” 20 alunos participaram da entrevista. Esse diferencial entre quantidade total de alunos por turma e parcela dos que vieram a participar da entrevista é justificado devido ao fato de que

no dia da aplicação do questionário, muitos alunos não compareceram à escola. As referidas observações vieram a totalizar 16 aulas (6 aulas por turma) aonde vieram a ser realizadas entre os dias 07 de novembro de 2016 à 28 de novembro de 2016. Importante salientar que essas aferições das aulas foram expressamente autorizadas pelo corpo pedagógico e da direção escolar.

Tais sistêmicas de análises tiveram como objetivo traçar um diagnóstico de como se configura a dinâmica da sala de aula, principalmente no que se refere aos métodos utilizados pelo professor na abordagem dos conteúdos curriculares trabalhados, como também as formas comportamentais em que os alunos, das referidas turmas, vêm a praticar no decorrer das aulas. Vale salientar que, de certa forma, a interatividade traçada nas aulas pode vir a ser reflexo dos métodos utilizados pelo professor, uma vez que as atitudes dos alunos sofrem influência direta de como o discente vem a direcionar as suas aulas.

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com base no método qualitativo, para entender a natureza dos fenômenos. Esse método traz uma contribuição no trabalho de pesquisa uma vez que alia os raciocínios e intuições dos sujeitos pesquisados, procurando assim, uma maior fidelidade na descrição das situações observadas. Para a interpretação dos dados foi usado método hipotético dedutivo. (LAKATOS; MARCONI, 2007).

Para a confecção das tabelas e gráficos contidos nos trabalhos, usamos o método quantitativo, contudo esses dados não virão a se resumir a aspectos numéricos, uma vez que aliamos a este o método qualitativo para analisarmos as questões sócias, relacionais, comportamentais, enfim, o que venha a se proceder aos objetivos traçados nas questões aplicadas. (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Aspecto importante a ser salientado sobre a escola, campo de estudo desse trabalho, é que apesar de estar situada no Bairro Pitimbu, a grande maioria dos alunos que compõem o seu quadro discente são alunos que residem no bairro vizinho, bairro Planalto. Dentre outras questões, esse bairro é fortemente marcado por vários problemas sociais e estruturais, como: elevados índices de violência; existência de tráfico de drogas; falta de saneamento básico na maioria de suas ruas; inexistência de escolas públicas que ofereçam o ensino médio; ausência de áreas de lazer públicas; estruturação das redes pública de saúde; dentre vários outros problemas.

Diante do exposto, torna-se evidente que o professor de Geografia, como também outras disciplinas que compõem o currículo escolar do ensino básico, tem possibilidade de articular os conteúdos inerentes ao ensino de Geografia com o lugar de vivência dos alunos.

Logo, tal prática pode vir a perpassar para uma melhor compreensão dos assuntos tratados em sala de aula, uma vez que tanto o professor como os alunos podem vir a enxergar exemplos e sistemáticas de ações perpetuadas e vivenciadas por eles próprios. A partir dessa articulação temos um quadro favorável para que o aluno perceba que em seu espaço de convívio encontra-se arraigado dos termos trabalhados na disciplina de Geografia. Diante disso, tanto os alunos como o professor podem vir a perceber nesse espaço de vivência a efetivação da Geografia, uma geografia do cotidiano.

Nesse contexto, é perceptível que esses dois sujeitos, alunos e professor, devem entender que a disciplina de Geografia não se trata apenas de um ramo do saber, ou apenas mais uma ciência que compõe o quadro das disciplinas do Ensino Médio e Fundamental, trata-se na verdade de um domínio científico que ajuda a sociedade a refletir sobre os mais variados fenômenos, sociais/naturais, que se manifestam no mundo. Nisso, o lugar de vivência tanto do aluno como o do professor representa, em sua escala, uma porção do globo, e como tal, é palco da manifestação dos mais variados eventos que ocorrem no mundo, sendo estes em menor ou maior intensidade. Diante disso, e a partir de análises sobre as finalidades da ciência Geográfica, surge a seguinte problemática: O Ensino de Geografia realizado nas turmas observadas apresentam articulações dos assuntos trabalhados no ensino dessa disciplina com o cotidiano vivenciado pelos alunos?

Diante disso, a culminância deste trabalho veio a ser sistematizado e norteado pelas seguintes indagações: Será que os conteúdos geográficos abordados em sala de aula são atrativos e instigantes aos alunos para que estes venham a sistematizar o conhecimento? Os assuntos geográficos abordados no ambiente escolar encontram-se, de certa forma, conectados com o lugar de vivência dos alunos? Que práticas pedagógicas o professor de Geografia procura utilizar para interligar os assuntos trabalhados em sala de aula com o cotidiano vivenciado por seus alunos? Esses são um dos questionamentos aos quais serão desvelados durante o trilhar deste trabalho.

Concomitante a essa problemática assume-se o seguinte objetivo geral: analisar como ocorre a abordagem do cotidiano nas aulas de Geografia da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros, localizada no bairro Pitimbu na cidade do Natal/RN. Nessa perspectiva e alinhado ao objetivo geral, apresentam-se os seguintes objetivos específicos: averiguar como o professor dessa disciplina associa os conteúdos didáticos com o cotidiano dos alunos; investigar se o Lugar de vivência do estudante é discutido dentro do ambiente de sala de aula intermediado pelos assuntos geográficos trabalhados pelo o professor dessa

disciplina; avaliar se existem dificuldades/entraves, por parte do professor, de se trabalhar a categoria de análise do Lugar relacionado ao cotidiano do aluno.

Na perspectiva de atender os objetivos deste trabalho viemos a organizá-lo da seguinte forma: no segundo capítulo iremos discutir como a Geografia veio a se sistematizar como ciência. Posteriormente no terceiro capítulo, viemos a discutir qual o papel da Geografia no ambiente escolar, contemplando uma discussão de quais são as objetividades dessa disciplina no mundo contemporâneo.

Em seguida, no quarto capítulo, traremos em evidencia de qual é o papel do professor perante a quantidade de informações ao qual o mundo hoje oferece. Adiante, no quinto capítulo, iremos contemplar uma abordagem sobre o processo de ensino e aprendizagem em Geografia, evidenciando como esse processo é sistematizado a partir da abordagem dos assuntos tratados por essa ciência. Posteriormente, especificamente no sexto capítulo, apresentaremos o que foi observado durante as contemplações aferidas durante as aulas nas turmas do segundo ano da referida escola no turno vespertino. Subsequente a esse fragmento do trabalho, iremos analisar os dados coletados que foram obtidos a partir da aplicação dos questionários praticados junto aos alunos das turmas referidas acima.

Em seguida, faremos uma discussão das respostas dadas pelo o professor tomando como parâmetro o questionário direcionado a esse profissional. Subsequentemente, no sétimo capítulo traremos em evidência algumas considerações obtidas a partir da pesquisa levantada. Por fim, no oitavo capítulo traremos as referências.

A justificativa para a realização desse trabalho, parte do pressuposto de procurar saber se os assuntos tratados pela Geografia escolar é sistematizado de tal forma que permita com que os alunos possam identificar no seu cotidiano o uso dos ensinamentos proporcionados por essa disciplina. Tal premissa é na verdade, um dos problemas mais comuns no Ensino de Geografia no Ensino Básico, que é trabalhar os assuntos didáticos contextualizados com a realidade vivenciada pelos os alunos (NETO ; BARBOSA, 2010).

Outro questionamento que veio a alavancar essa pesquisa está no fato de que a grande maioria dos alunos que fazem parte do corpo discente da referida escola residem no bairro Planalto. Tal localidade, situada na periferia de Natal, é marcada dentre outras questões, pela presença de inúmeros problemas sociais. Logo, diante desse quadro, o ensino, e em especial o ensino da disciplina de Geografia, oferece um leque imenso para que o professor venha a contextualizar vários conteúdos geográficos de acordo com o que é vivenciado diariamente

por seus alunos, proporcionando a estes uma Geografia prática, uma aprendizagem concreta e dinâmica.

Entretanto, muitas vezes o Ensino de Geografia ministrado no Ensino Básico é tratado como uma disciplina depreciativa, insípida e enfadonha, que imprime aos alunos somente a memorização de acontecimentos Globais/Nacionais/Regionais. (KAERCHER, 2014). Além disso, é comum a nós, estudantes acadêmicos, nos depararmos com situações em que os alunos do Ensino Básico, especificamente os que estão no Ensino Médio, encontrarem-se desmotivados com os conteúdos ministrados nessa disciplina, aonde, em certas ocasiões, perguntam-se de que virá a servir para o seu cotidiano os temas tratados em sala de englobados por essa disciplina? Ou, como salienta Cavalcanti (2000), qual o verdadeiro papel da Geografia trabalhado em sala de aula?

Diante desse quadro, é comum encontrarmos durante o ministrar das aulas de Geografia alunos desinteressados e desanimados com a forma “monótona” em que os temas são abordados. Aliado a isso, em certas ocasiões, encontramos professores da disciplina de Geografia desmotivados e desinteressados ao ministrar as suas aulas, onde, tais adjetivos são justificados por vários motivos: a não valorização de sua profissão; a deficiência física e profissionalizante das escolas e do ensino; a inoperância do Estado no oferecimento de meios que permitam a produtividade escolar; dentre inúmeros outros aspectos (KAERCHER, 2014).

Ideia convergente a essa é comentada por Fernandes (2003, p. 18), onde salienta que a sala de aula parece ser:

Aquele lugar fúnebre onde toda a vida deixa de existir, onde apenas foram paralisadas os movimentos em torno dos objetos imobilizados pela desesperança, onde o professor foi completamente esvaziado de sua autoestima e agarra-se ao livro por detrás de sua mesa infestada de cupins, como naufrago que jamais se salvara do afogamento.

Tomando as ideias de Monbeig (2005), diante da junção, desinteresse dos alunos mais a desmotivação do corpo discente, a disciplina geográfica tratada no Ensino Médio torna-se sistematicamente escrachada como sendo uma ciência baseada e relevante na memorização de fatos, onde, o aluno ao decorar e/ou escrever os pontos levantados pelo professor no ministrar de suas aulas estará em sua consciência aprendendo Geografia.

Nesse contexto, outra problemática é encontrada no uso incessante do livro didático durante a transposição das aulas dessa disciplina. Logo, o uso desse instrumento como único recurso didático nas abordagens dos assuntos geográficos, vem a fundamentar ainda mais o termo usualmente utilizado onde tratam essa disciplina como conteudista e meramente informativa. Logo, o uso incessante e metódico desse recurso didático vem a ser tratado como

sendo uma verdadeira “revista de variedades” onde contém geralmente muitas informações desarticulados do cotidiano vivenciado pelos alunos e professores.

Tomando essa discussão como parâmetro podemos incluir a ideia de Penteadó, 1991 apud Rego; Castrogiovanni e Kaescher (2011, p. 15), onde enfatizam que a prática da geografia escolar foi, e ainda é tomada e simplificada por:

Extensas listas de nomes de acidentes geográficos, bem como extensas listas de números – indicando altura de picos e montanhas, altitudes de planaltos e planícies, extensão de rios, seus volumes de água, graus de temperatura máxima e mínima de diferentes locais da Terra, etc., como se esses dados fossem todos aleatórios e independentes entre si, eternos, constantes e imutáveis – nortearam à docência dessa disciplina, então preocupada com procedimentos meramente descritivos.

Como se pode notar as problemáticas são inúmeras, as justificativas para gerar um quadro de desmotivação são imensas. Todavia, cabe aos professores não se abater perante as dificuldades e continuar, ou até mesmo reascender, a vontade de ensinar e fornecer meios em que os alunos se atentem para os saberes sociais, políticos, ideológicos e científicos.

2 DO SENSO COMUM AO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Como todo processo de sistematização do conhecimento geralmente passa por um longo período de maturação, discussão, inserção de ideias relevantes, ou seja, é um processo dialético ao qual vem a ganhar novos rumos a medida que a humanidade e a comunidade científica atribui novos valores aos mais diversos assuntos ditos científicos. A Geografia não fugiu a essa “regra”, uma que para a sua efetivação como ciência veio a trilhar um caminho que muitas das vezes foi fortemente marcada pela a divergência empregada pelos mais variados cientistas que insistiam em discutir esse ramo do saber. Mas foi justamente nesses momentos de divergências que vieram a acarretar no engrandecimento e fundamentação como ciência.

A necessidade de procurar explicar as diversas manifestações que ocorrem no mundo sempre perseguiu o homem desde o seu surgimento. Inúmeros questionamentos sobre os mais variados aspectos sempre permearam, e continuarão a permear, o pensamento dos sujeitos. Historicamente para explicar determinado conjunto de fenômenos estes sujeitos vieram a recorrer a vários métodos empíricos, tais como: a magia; a religião; ao místico dentre vários outros procedimentos que de alguma forma viesse a ser sistematizado e orientado de forma que convença determinados grupos sociais. Nessa linha evolutiva, várias etnias vieram a ganhar destaque, mas é inegável que foi através das contribuições filosóficas protagonizadas pelos pensadores da Grécia Antiga é que a reflexão sobre os mais variados fenômenos vieram a postular a busca pela compreensão do mundo (CLAVAL, 2011).

Dentre os precursores, digamos desse movimento, merece destaque os pensadores Pré-Socráticos que de alguma forma tentaram explicar a gênese e a transcendência da vida que não estivesse obrigatoriamente atrelado ao místico, ao sobre natural. Tales de Mileto defendia que a água era o elemento natural responsável pela a existência de todas as coisas existentes no mundo. Ideia semelhante foi fundamentada por Anaxímenes que dizia o ar como o elemento criador e compositor de todas as coisas. Já para Heráclito de Éfeso esse elemento seria o fogo. Independente do material que viesse a explicar a origem das coisas, esses pensadores compartilhavam de ideias em comum: a sistematização racional de tentar explicar as coisas sem os usos exacerbados do misticismo e do sobrenatural.

Talvez para nos seres vivos dessa época, essas formas de explicar o mundo soam, digamos, como fantasiosas e amadoras. Mesmo que muitas das vezes não fazermos uma reflexão sobre os instrumentos que esses pensadores possuíam na época comparados aos que temos acesso nos dias de hoje, pensamos e denotamos ter propriedade para questionar com

veemência essas afirmações ancestrais. Essa prerrogativa é defendida pelo fato de que o conhecimento científico veio a provar que tais afirmações não se sustentam. Assim, é perceptível que a construção baseada na argumentação científica perpassa por um período de maturação intelectual e reflexivo, aonde o contexto histórico e estrutural da sociedade vira a agir como meios estruturadores dos avanços científicos e instrutivos. Em suma, a construção do conhecimento surgiu no incansável e duradouro processo da não aceitação das verdades findadas, da constante prática da crítica sobre os mais variados aspectos que circundam a sociedade (CHAUI, 2000). Sendo assim, é fatídico que o conhecimento se dá a partir de uma construção histórica e social, tomando como contexto determinada expressão e/ou manifestação sociocultural.

Como é sabido a sistematização do conhecimento se baseia reflexões sistematizadas pelo sujeito a partir dos alicerces historiográficos da bibliografia consultada por este, bem como por suas práticas racionais imprimidas sobre determinado conjunto de assuntos. Aliado a essas epistemes supracitadas existe um outro parâmetro tão importante quanto estes, trata-se de um parâmetro individualizado, que cada ser possui e é intrínseco a sua pessoa e a sua personalidade. Trata-se do contexto social, das práticas sócias que o indivíduo possui, ou seja, encontra-se intimamente ligado as ideologias, visão e percepção de mundo que cada sujeito possui. Em suma, está relacionado aos valores culturais que cada indivíduo possui e abstrai socialmente, dos valores que ele aprende na sua trajetória de vida. Esse conjunto vira a influenciar significativamente como este indivíduo enxerga a vida, o que de fato é relevante e deve ser discutido e posto em evidencia pela a sociedade (CAVALCANTI, 1998).

Todavia, para que os produtos intelectuais não fiquem suprimidos a ideias do sujeito, cabe a este vir e pôr em evidencia para os outros indivíduos, uma vez que o conhecimento é construído e consolidado através das relações sociais, através da coletividade social. É justamente através dessas práticas sociais que se nos manifestam mais variados espaços (nas escolas, nos lugares de cultos religiosos, em casa, nas ruas, nas praças, etc.) é que o conhecimento poderá vir a ser questionado. Logo, apesar do conhecimento vir a ser construído e reconstruído socialmente, também será através dessas relações que essa sapiência poderá vir a ser derrubada.

Tal manifestação é tratada por Sposito (2004) aonde elucida que os processos epistemológicos que resultam como alguma verdade trata-se das diferentes manifestações do intelecto humano, todavia, não existe uma verdade absoluta que reflita e comungue a verdade findada. Ao analisarmos essa afirmação podemos dizer que nenhum conhecimento é dado

como fechado e imutável uma vez que é justamente através das práticas sociais e do avanço da ciência que as formas de conhecimento vêm a serem modificadas.

O axiômico se demonstra incoerente com a construção científica que se baseia na construção coletiva. Entendemos que tão visão dogmática veio a ter reflexos a partir da particularização das ciências, ou seja, a partir do processo aonde veio a ocorrer à fragmentação do conhecimento nos mais variados níveis. Vários autores discutem que tão processo fragmentário, de certa forma reflete-se como um entrave às reflexões epistemológicas mais complexas, uma vez que pode vir a ocasionar a simplificação e ao reducionismo compreensivo (MORIN, 2011). Todavia, não podemos deixar de lado que tal conjuntura fragmentaria das ciências compõe a realidade acadêmica e científica na atualidade. Além disso, se por um lado esse rompimento da ciência veio a ocasionar menores níveis de interseções científicas e maiores níveis de especializações, foi através desses rompimentos que o homem veio a se aprofundar em diferentes tipos de saberes científicos (SPOSITO, 2004).

Outro fator importante que cerca a conjuntura sobre os reflexos do conhecimento é evidenciada pela a forma com que grande parte da sociedade dita como útil sobre o que é produzido intelectualmente. Talvez essas reflexões acima citadas venham perdendo espaços gradativos perante a supervalorização imprimida sobre o modelo de vida ao qual vivemos hoje aonde ocorrem uma espécie de enaltecimento aos aspectos oriundos do capitalismo moderno. Reflexões das mais variadas manifestações societárias tenham pouco apreço nos dias atuais, uma vez que, infelizmente, o pensamento que permeia a vida social, política e intelectual da humanidade encontra-se, na maioria das vezes, condicionado ao modo produtivista material.

E é justamente nessa perspectiva materialista que vários ramos do saber científico virão a vincular as suas pesquisas a favor do capital financeiro, principalmente a partir dos anos de 1970. Não que anteriormente isso não acontecesse, mas diante das latentes transformações ocorridas nos mais variados segmentos socioeconômicos, como também nas manifestações fluidas a favor do capitalismo concorrencial global, vieram a influenciar significativamente a estrutura da ciência geográfica, do pensar Geográfico.

Nessa perspectiva, essa nova Geografia não se apresenta limitando-se nas questões das diferenciações e semelhanças de áreas e das culturas dos povos, defendidas e idealizadas nos vários estudos feitos por Alexandre Von Humboldt, ou nas ideias também naturalistas de Karl Ritter aonde procurou em seus estudos descrever como se dá as relações estabelecidas entre o

homem e a natureza (DANTAS; MEDEIROS, 2008). Ou seja, não se trata de trazer em discussão como oferecer meios que possibilitasse o fortalecimento da Geografia como ciência.

Tão pouco essa nova Geografia veio a basear-se os ideias deterministas de Friederich Ratzel aonde, em linhas gerais, esse estudioso defendia que o ambiente natural vem a estabelecer expressiva influência sobre as ações humanas ou como os aspectos históricos de determinada etnia vem a ser um dos pressupostos que legitimam politicamente o pertencimento de determinado território habitado e utilizado por estes em tempos anteriores. Não só isso, mas temas e discussões sobre outros campos da ciência vieram a ser discutidas por esse pesquisador, tais como: como se caracterizava a distribuição dos povos e a circulação de mercadorias pelo o Globo; como se deu as formações territoriais das nações a partir da intimidade que estas tinham com sua terra de origem; e o desdenhar de um conjunto de justificativas que viessem a validar o expansionismo territorial de uma nação dita mais desenvolvida sobre outra menos prospera segundo os seus critérios.

É justamente nesse contexto embates de cunho político, econômico e social que irão a surgir diversas multiplicidades de enfoques geográficos que virá a tornar essa ciência mais dinâmica. Aspectos outrora tratados de forma muito superficial começam a serem discutidas no campo acadêmico, as formas de exploração dos países colonizadores imprimiam sobre outros territórios começam a ser debatidos nas universidades; o processo de expansionista econômico desigual estabelecidos entre dos países de centro juntamente como os países do sul são alvo de estudos e análises mais profundas; a gênese das relações de poder estabelecidas entre os países que possuíam seus territórios nacionais já unificados são alvo de entendimento; enfim, toda uma sistemática sociopolítica e econômica são de fato inseridos nos estudos geográficos (ANDRADE, 2008) . Logo, é nessa espécie de efervescência política que a Geografia deixa de ser uma ciência meramente descritiva e passa a levar em consideração outros aspectos que não se prendesse somente aos temas ambientais, a representação das relações humanas com o meio e com os outros.

A Geografia, na perspectiva de uma ciência social, implica em analisar justamente as transformações causadas pelos os diversos fenômenos, principalmente os que se encontram vinculados a ação humana sobre o espaço geográfico. Rotulada no início dos anos 1980 de Geografia Crítica o discurso geográfico ganha cada vez mais embasamentos estruturados nas ideias advindas do materialismo histórico dialético.

Os avanços das técnicas e tecnologias, a maior e mais acelerada circulação de mercadorias como também dos homens, das ideias, das informações e do capital, passa a provocar, de certa forma um encolhimento do espaço. O domínio do tempo e do espaço a favor do capital, passa a ser um dos objetivos do homem moderno. A lógica da mecanização do espaço a favor do capital ganha cada vez mais protagonismo na dinâmica mundial. Ocorre assim, uma verdadeira interação entre ciência, técnica e informação, onde esses três processos convergem para apenas um propósito, a lógica do mercado (SANTOS, 2006). E nesse processo a ciência geográfica, e especificamente a ciência geográfica, não deixa de servir, em partes, ao processo capitalista, ou seja, de funcionar como aparato da lógica do mercado.

Contudo essa crítica a esse segmento de abordagem persistiu e veio a dinamizar ainda mais do debate sobre temas nunca antes abordados pela a Geografia. Como salienta Junior (2014) a Geografia atual passa por uma longa reestruturação na formulação de problemáticas que a Geografia Tradicional, juntamente com várias outras correntes, não veio a abordar. Essa “crise” epistemológica é desmembrada a partir das intensas modificações causadas pelas a dinâmica econômica e social impulsionadas pela a crescente industrialização dos países centrais e que irão se refletir diretamente sobre os países periféricos. Assim, a Geografia passa gradativamente a contribuir para o debate de como esse sistema de ações vão interferir sobre a dinâmica social e as consequências ocorridas no espaço geográfico. Sempre apoiado em debates políticos, antes, no caso do Brasil, proibidos pelo o Regime Militar. A abordagem geográfica passa a ter um cunho crítico, que possibilite ao sujeito refletir sobre os mecanismos que o envolvem, de observar o espaço não como algo estanque e desconectado do mundo, mas sim como algo dinâmico, que encontra-se em constante modificação.

A reformulação do Ensino da Geografia acompanha essas abordagens de cunho crítico, que procura por o sujeito como ser participante das transformações impostas no espaço. Passa a explicar tais fenômenos contemporâneos de forma que evidencie o papel político voltado principalmente para os interesses populares, e não somente para os almejos oriundos das classes mais abastardas e privilegiadas na sociedade. Nessa perspectiva Cavalcanti (1998) salienta a necessidade dos estudos geográficos considerarem também a realidade vivenciada pelo o aluno.

Independente do objeto de estudo utilizado (paisagem, lugar, espaço, região, território) pelo o professor de Geografia, como também indiferentemente da corrente filosófica que venha a estruturar as abordagens dos assuntos trabalhados, uma coisa é certa: o ensino geográfico deve ser sistematizado de tal forma que venha proporcionar ao aluno uma

aprendizagem significativa aliado a uma perspectiva emancipatória no que diz respeito a aquisição de novos conhecimentos por parte dos alunos. Senso assim, o ambiente escolar, visto como *locus* da construção desses conhecimentos, e substanciado pelas informações de cunho geográfico constituem-se como um conjunto propício a essa sistêmica.

3 SOBRE O PAPEL DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA NO AMBIENTE ESCOLAR.

O Ensino de Geografia, bem como os demais componentes curriculares que compõem o Ensino Básico, deve, dentre outros mecanismos, levar em consideração o contexto político, social e econômico que a sociedade vivencia. Logo, os assuntos trabalhados no ambiente escolar, em especial na disciplina de Geografia, têm o encargo de oferecer os mecanismos que possibilitem a capacidade de pensar dos alunos, levando sempre em consideração o âmbito da sociedade ao qual fazem parte. Logo, a instituição escolar situa-se nesse contexto como local de intermediação para a realização de tais práticas, onde, a aprendizagem, sendo essa, intermediado pelo professor deve proporcionar aos alunos o saber prático, um saber para o exercício de sua cidadania. Sobre esse contexto Callai (2001, p. 134) vem a discernir sobre o papel da Ciência Geográfica:

[...] a geografia, entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, as questões da sociedade, com uma ‘visão espacial’, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania.

Logo, a Geografia que se deseja está longe da monotonia, distante da prática mnêmica dos assuntos geográficos. Encontra-se em um ensino prático e sistematizado para a realidade cotidiana, que leve ao aluno a constante reflexão sobre o mundo e seu lugar de vivencia. Sobre esse contexto Callai (2001), novamente vem a ajudar na sistematização dessas ideias que recobrem sobre a prática geográfica:

Reconhecendo o objeto da Geografia, o seu instrumental e os mecanismos metodológicos que poderá usar, o professor deverá propor o estudo que seja conseqüente para os alunos. E as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem. Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele. (CALLAI, 200,p. 136).

Conforme Kaercher (2014) a Geografia escolar deve oferecer ao aluno meios e direcionamentos para com que ocorra a sistematização de uma aprendizagem que auxilie no fortalecimento de sua autonomia intelectual. Além disso, o ensino geográfico deve contribuir para uma convergência construtiva no emprego da conscientização cidadã, aonde priorize a luta coletiva pela a democracia, pela a liberdade e justiça social. Que agregado a isso, que evidencie de como ocorre a sistêmica da apropriação do espaço e os diversos fenômenos e

grupos de sujeitos envolvidos nesse processo, isso é pertinente, uma vez que a Geografia nunca deve deixar de lado o seu objeto de estudo, o espaço geográfico.

Desta forma, um dos desafios é fazer que a ciência geográfica trabalhada no ambiente escolar venha a proporcionar aos alunos e professores o aprofundamento do conhecimento dos seus espaços, dos lugares em que vivem, situando-os como seres sócias que constroem, desconstroem e remodelam esse espaço. Nesse contexto, o conhecimento e o reconhecimento do Lugar onde este mantém suas relações cotidianas se torna, a priori, crucial para que se venha a desenvolver um olhar geográfico sobre o espaço. Sobre o lugar Cavalcante (2011, p. 92) nos traz a percepção que devemos ter sobre essa categoria de análise:

O conceito de lugar na Geografia tomou inúmeras interpretações, tendo sempre a necessidade de adjetivá-lo, a saber: lugar da existência, da co-existência, da co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão do espaço cotidiano, do singular e do subjetivo. O lugar, de maneira geral é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível. Mas um espaço orientado, um espaço de orientação, que permite responder à pergunta: Onde estamos? Enfim, é um espaço que dá lugar ao sentido, ao bom senso, ao pensamento sensato [...].

Logo, é perceptível que a percepção da realidade, das observações e interações dos alunos com o meio se dá principalmente com relações em que estes vão apreender com os lugares de sua vivencia. Sobre esses aspectos Santos (2006) nos elucida que o lugar é compartilhado por diversas pessoas e as mais variadas instituições, e que por isso tanto a cooperação como o conflito estão presentes, ou seja, a vida social pode tanto ser marcada pela a cooperatividade como pela a individualidade. O lugar, apesar de se apresentar como um quadro de referência pragmática do mundo, aonde através dos conflitos e acordos o homem territorializa-o, é também o palco das paixões humanas, dos desgostos, da criatividade individual e coletiva, da representação espontânea dos sentimentos que a relação com o espaço lhe proporciona.

Cavalcanti (1998) nos chama a atenção que o lugar, na tentativa de ultrapassarmos a ideias generalista de usarmos essa categoria de análise para a simples localização espacial, pode vir a ser discutida a partir de três perspectivas. A primeira perspectiva remete a uma análise do lugar no viés filosófico humanístico, que, em linhas gerais, refere o lugar como sendo o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço vivido, do apreciado pelo o sujeito. A Geografia Humanística procura o entendimento do mundo, conseqüentemente do lugar, analisando como se dá as relações das pessoas com a natureza e quais produtos são obtidos através dessa relação. Conclamando Tuan (1983), onde este autor elucida que o

espaço antecede o lugar, cabendo ao Geógrafo perceber quais são os processos que estão envolvidos na gênese da transfiguração do primeiro para vir a se tornar o segundo. Sendo o espaço apresentado de forma mais abstrata em comparativo ao lugar, a transformação de um para o outro se dá à medida que o sujeito passa condensa valores a este espaço.

Ainda seguindo as perspectivas de Cavalcanti (1998) no que se trata sobre a análise do Lugar a segunda forma de tratamento dessa categoria geográfica remete a as concepções advindas da matriz filosófica histórico-dialético tomando como um dos principais fatores a influência que as manifestações do processo da Globalização na atualidade vêm a acarretar na sociedade. Nesse modo de abordagem o lugar é identificado como um enclave, um espaço de resistência perante o processo homogeneizador das diversas manifestações sociais (relações sociais, sistema econômico, cultura, relações comportamentais, etc.) que a globalização impõe a sociedade.

Para Santos (2006) o processo da globalização, que veio a atingir seu ápice de internacionalização no final do século XX, representa transformações nunca antes vistas na sociedade. Condicionado pelos os novos processos técnicos o mundo se tornou unificado, a velocidade das informações chegam em patamares nunca antes vistos. A propagação de uma ideologia em que o bem-estar social está condicionado a acumulação individual de dinheiro reflete a uma perversidade que vem a causar consequências bruscas a sociedade. A exacerbada competitividade, influenciada pela a propaganda e pelo o consumo, instala um totalitarismo na busca pelo o dinheiro, acarretando uma confusão espiritual existencial na sociedade. Assim, passamos a viver uma violência estrutural facilitado pela as formas de agir do Estado, que, na maioria das vezes, funciona como agente facilitador dos almejos do mercado e suas empresas multinacionais. Há nesse processo um verdadeiro retrocesso quanto a noção do bem público e da solidariedade. Ocorre o emblemático encolhimento das funções sociais e políticas do Estado perante a sociedade, em detrimento da ampliação da soberania das empresas e sua difusão que acaba influenciando na regulação social.

A globalização apresenta uma tensão contraditória entre homogeneização e fragmentação, diferenciação e antagonismos sociais. Por ser assim, a compreensão do lugar perante os processos globais requer a análise das particularidades encrustadas no “espaço geográfico homogêneo”. Essas particularidades permanecem mesmo diante da padronização de comportamentos do sujeito e da espacialidade, assim, o local comporta-se como lugar de resistência perante a manifestação dos fenômenos homogeneizadores. É exatamente nessas

subjetividades que há a manifestação da identidade local, do coletivo social, ou seja, dos traços contra hegemônicos (CAVALCANTI, 1998).

A terceira e última perspectiva de tratamento do lugar, segundo a autora supracitada acima, propõe uma ótica no pensamento pós-moderno. Essa matriz filosófica busca compreender o lugar a partir de uma confrontação à matriz dialética, e, para tanto, procura desconstruir a totalidade e a razão como fundamento da explicação da realidade. Silveira (1993) a ruptura com o com a lógica da totalidade significa um rompimento do caminho único, da ideia de uma sociedade total. A proposta é de uma valorização do empírico individual, do fragmento, do particular para que se busca uma impressão dos aspectos que influenciam o modo de enxergar do sujeito. Trata-se na verdade de procurar apreender o que é significativo para o sujeito perante as manifestações socioespaciais no lugar ao qual o mesmo estabelece as suas relações cotidianas.

Diante desse processo de perspectivas no tratamento do lugar, sem levar em desconsideração da expressiva manifestação consolidação da homogeneização do espaço mundial e suas formas de planejamento do tempo/produção com o uso das mais variadas técnicas, os estudos individuais do espaço no âmbito geográfico vem ganhando cada vez mais forças. E especificamente no ambiente escolar, uma das formas de se vir a abordar e estudar a categoria de análise do lugar está no encontro das representações sócias evidenciadas pelos os sujeitos que compõem o ambiente escolar. Nisso, o papel do professor, e em especial o professor de Geografia, pode vir a usar esse método para com que o aluno venha a sistematizar a representação do seu espaço de convívio e o relacione com a Geografia escolar (CAVALCANTI, 1998).

A representação social encarada no ensino não pode ser entendida como uma simples reprodução de um conjunto de ideias figuradas no espaço e transcritas por um indivíduo. Não se trata de um processo passivo onde esse sujeito apenas absolveu e reproduziu os dados, trata-se, na verdade de um processo ativo em que o contexto de valores adjacentes ao sujeito são agregados e associados as suas representações sociais.

Nesse processo, surge a priori, a necessidade de explanações teóricas científicas que venham a orientar os alunos aos conhecimentos necessários para uma sistematização mais concreta do que eles veem a enxergar em seu cotidiano. Assim, o conjunto de ideias e concepções sobre a representação social virão a ser construídos em um processo associativos, aonde as fundamentações teóricas juntamente com as observações analíticas do espaço ou

fenômeno analisado virá a ser abordado de forma sistêmica e crítica, e não meramente descritiva (CAVALCANTI, 1998).

Surge assim a necessidade do professor promover um encontro entre dois tipos de conceitos: o científico, encontrado nos mais variados recursos bibliográficos; e os conceitos empíricos, baseados nas representações sociais dos alunos. Assim, como salienta Kaercher (2014) os conceitos científicos têm como papel propiciar aos alunos fundamentos e entendimentos que os levem a uma conscientização e ampliação, e até mesmos uma desmistificação, dos conceitos empíricos, que acarrete e possibilite uma conscientização geográfica e conseqüentemente ao desenvolvimento intelectual.

O processo de abordagem dos assuntos didáticos, e em especial os conteúdos abordados pela Geografia, não devem ser explanados de forma monótona, nem tão pouco se resume ao elenco de classificação de sistemas, sejam estes econômicos, ambientais, morfoclimáticos, pedológicos, etc. A Geografia escolar deve ser direcionada para uma conjuntura que aborde em seus assuntos os aspectos humanos, de como a sociedade com suas técnicas nos diferentes tempos históricos, transforma o espaço segundo as suas necessidades. A consciência geográfica parte do pressuposto de que nesse processo de modificação espacial várias contradições são criadas, contradições estas que envolvem uma dialética entre as classes detentoras dos modos de produção e os explorados que vendem sua força de trabalho. (VESENTINI, 2003).

A Geografia escolar, juntamente com os assuntos selecionados e abordados pelo professor, têm o papel de explicar o mundo de tal forma que propicie ao aluno uma visão mais plural e complexa da realidade, e, para tanto, não deve se cristalizar em determinados fundamentos filosóficos, que, na maioria das vezes, concebe uma visão única da forma de enxergar e entender o mundo. Nisso, a Geografia deve estar longe do dogmatismo conceitual que obstaculiza as percepções e mudanças conceituais da realidade, principalmente as representações sócias abordadas pelos alunos.

O professor deve ter a sapiência e a humildade de que mesmo ele tendo o domínio dos conteúdos geográficos de forma sólida, nunca deve se isolar em sua razão, em sua forma de entender e explicar o mundo. Limitando-se a impor aos alunos a sua forma de pensar o mundo o professor corre o sério risco de limitar a reflexão dos primeiros. Mesmo que seu discurso seja rotulado de um ensino crítico, onde o docente adote um discurso atualizado perante a dinâmica socioespacial, limitar a reflexão dos alunos revela uma postura conservadora,

tradicionalista, uma postura igualmente dogmática, uma Geografia pastel de vento (KAERCHER, 2014).

Esse ideário em que a palavra do professor é a verdade absoluta é tratado por Bachelard (2016), como uma postura da alma professora, aonde o professor incorpora em si o julgamento de suas palavras como únicas aceitais, cabendo ao aluno o papel de colhe-las, abstrai-las e reproduzi-las, fazendo isso o aluno estará aprendendo, obtendo conhecimento. O aluno é tratado pelo professor como um ser cognitivamente inferior, devendo a este primeiro para tentar sair de seu estado de inferioridade cognitiva, decorar as falas do professor e concordar com seus dizeres. Absolutamente, trata-se de uma atitude bancária, que não respeita nem se procura instigar a reflexão dos alunos, não se procura uma emancipação epistemológica gradativa dos discentes, estão ancorados ao saber do professor (FREIRE, 2002).

Essa postura do docente em não se preocupar em escutar o seu corpo discente, principalmente no que se refere ao modo de como este enxerga e interpreta o mundo, poderá acarretar sérios problemas ao processo de aprendizagem. Uma delas pode ser a geração do desestímulo do aluno perante a Geografia. Se a voz do aluno não é ouvida nem tão pouco ocorre a instigação reflexiva do seu modo de pensar, propicia ao ambiente escolar a se transformar em um espaço de inerte, onde impera o conteudismo desligado da reflexão dos alunos. O desestímulo a reflexão, da aproximação dos conteúdos trabalhados com o que é vivido pelo o aluno pode transformar o ambiente escolar em um não lugar, um ambiente em que não traz estímulo algum ao aluno, uma vez que impera o desestímulo cognitivo devido as aulas serem enfadonhas. A sala de aula é vista como um ambiente desconhecido, aonde sentimentos de alegria e satisfação em estar ali são praticamente ausentes, transcrever no caderno o que o professor escreve no quadro é visto como um passa tempo para ambas as partes. Um espaço do desestímulo e entediante; estão ali quase que de forma forçada, a espera de um sinal que sua muitas das vezes como libertador: o toque de saída que ecoa nos corredores (KAERCHER, 2014).

Longe dessa sistematização a disciplina geográfica deve ser organizada de tal forma que venha a oferecer aos alunos o fortalecimento da sua autonomia intelectual. Um ensino que auxilie na construção da noção e prática da cidadania, concebendo e priorizando a luta coletiva pela a democracia, pela a liberdade e pela a justiça social. Aliado a isso, o saber geográfico deve ser constituído pela a apreensão de como a apropriação do espaço geográfico pelo o homem vem a inferir transformações significativas de como o sujeito passa a se

relacionar com esse espaço modificado. Assim, um ensino que leva aos discentes refletir sobre essa sistêmica é extremamente necessário para se apreender Geografia. (VESENTINI, 2009).

Para Castellar (2011), as nossas práticas sociais remetem, em menor ou maior grau, em fazer Geografia. Para isso, a operacionalização reflexiva sobre os assuntos tratados no ambiente escolar deve trilhar para com que o aluno saiba aproximar tais assuntos ao seu cotidiano.

Para complementar essa sistematização Costella ainda nos orienta que:

O lugar do aluno deve ser referência permanente e precisa ser aludido em situações crescentes de complexidade. A sala de aula é um espaço e um tempo para fazer geografia ou geografizar, isto é, para propor ações pelas quais os alunos se descobrem parte do lugar onde vivem, desenvolvam a noção de pertencimento e construam competências para inferir em seus acontecimentos. Este reconhecimento de si e do lugar prepara para os estabelecimentos de relações com o mundo, discutindo acontecimentos e entendendo sua temporalidade e espacialidade (COSTELLA, 2012, p. 65 – 66).

Como se pode perceber trabalhar o ensino de Geografia em uma perspectiva do vivenciado pelo corpo discente traz em tona um ensino voltado para a prática social, para enxergar e perceber que a geografia pode estar atrelada ao seu cotidiano, e que esta disciplina encontra-se diretamente relacionado com a vida social.

Nessa perspectiva de trabalho abre-se o leque de explicações e de práticas sócias, que faça perceber que o aluno participa diretamente sobre as relações sócias no seu espaço de vivencia. Desta forma, os acontecimentos ocorridos nesse espaço não estão alheios a “naturalidade”, ou seja, não ocorrem de forma espontânea, mas sim de acordo com os interesses dos grupos sociais envolvidos, nas correlações de forças formadas. Nisso, o ensino da Geografia, tomando os acontecimentos ocorridos no lugar como parâmetro, deve pôr em evidencia que o aluno, como ser social, participa desses processos e que eles têm a oportunidade de exercer a sua cidadania (CALLAI, 2001),

É evidente que tal prática reflexiva deve ser proporcionada pelo professor que através da interligação dos assuntos geográficos com a vida do aluno propicia uma aprendizagem mais concreta. Entretanto, de maneira geral, o que se percebe são inúmeras dificuldades e pretextos para que se venha pôr em prática essa forma de ensino. Um dos agentes do processo de ensino e aprendizagem que vem a validar essas problemáticas são praticadas pelo próprio corpo docente da escola, que aliado a um sistema de ensino que já apresenta bastante dificuldades (estrutura física das escolas com problemas, desvalorização profissional dos

professores, falta de verbas, etc.) vem a justificar ainda mais as dificuldades no sistema de ensino. Nisso, a autora supracitada acima nos oferece uma sistematização sobre essa conjuntura:

Muito frequentemente se coloca nos alunos a desculpa da impossibilidade de tal tipo de ensino, justificando que lhes falta interesse, curiosidade, atenção. No entanto, pode-se argumentar que a escola está muito atrasada em relação ao Mundo e não está em condições de dar conta dos interesses dos jovens. Na verdade, os educadores devem se perguntar a quem se destina a educação e se existe algo que seja proposto pela escola como exigência e expectativa da sociedade; deve-se procurar reconhecer quem são e como são realmente estes jovens ‘que devem ser educados’ para que se consiga chegar neles, para encontrar as melhores formas de ação (CALLAI, 2001, p. 143)

Nessa perspectiva, se no ensino o professor de geografia trabalha os conteúdos geográficos numa perspectiva hegemônica cultural, onde ocorre a transmissão simples e direta dos temas geográficos para os alunos levando em consideração apenas as formas que o livro didático aborda os assuntos dessa ciência, na verdade não se estará ensinando geografia, mas sim apenas reproduzindo pensamentos alheios. Nisso, o professor dessa disciplina ao trabalhar esses assuntos de forma desconectada das relações do aluno com o meio vem a colaborar para os seus alunos insiram-se no sistema de adequação as ordens estabelecidas, ou seja, que aceitam a verdade única dos livros didáticos. Logo, não põem em prática a reflexão crítica sobre o espaço e as relações sociais existentes neste, onde na perpetuação desse sistema, acabam a valorizar acontecimentos longínquos desconectados da realidade. Sobre esses aspectos novamente Callai nos oferece uma reflexão sobre essas ideias:

Nos conteúdos de Geografia quando se ‘naturalizam’ questões sociais e políticas reduzindo-as à determinações da natureza, e mais, quando se estudam espaços distantes e estranhos se faz com que a Geografia pareça coisa apenas de livros. Ao estudar os lugares como se o que existe neles fosse resultado natural e não construído historicamente, e até ao não se conseguir ligar os avanços tecnológicos, as guerras, as constantes divisões das nações e as regionalizações que formam novos blocos à construção do espaço. [...] Ao trabalhar tudo isto sem dar-lhe um sentido, sem estabelecer as origens e raízes e analisando os resultados que aparecem no espaço, se está contribuindo para dificultar a compreensão da realidade (CALLAI, 2001, p. 141).

Diante do exposto se torna evidente que a postura que deve ser adotada pelo professor não deve ser como um agente que meramente repassa as informações contidas nos livros didáticos para os alunos. Ao contrário disso o professor deve oferecer meios e usar técnicas e métodos que venham a instigar o interesse dos seus alunos sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula. Nessa perspectiva Costella (2012, p. 77 apud Hanh, 2014) nos oferece exemplos

de algumas atitudes que o professor de geografia do ensino básico pode usar durante a sua dinâmica de ensino:

A escola compreende um papel fundamental na construção de um ser mais reflexivo e ativo perante os acontecimentos no mundo. Os professores, composição importante deste processo, necessitam enxergar o lugar escola como um momento de aprendizagem constante, encontrando no aluno as possibilidades de rever suas metodologias de ações. Os alunos, [...] necessitam ser acompanhados como elementos inspiradores para a construção de currículos identitários e voltados para uma ação e reação reflexiva e representativa culturalmente. A escola, assim, é um lugar de complexidade e não de simplificações, é um lugar globalizado que deve fazer com que o professor se desvincule de gavetas disciplinares para desenvolver um saber mais integrado e significativo.

Contudo vale salientar que tanto a escola como o professor, e especificamente o professor de Geografia, deve ter consciência de que o corpo discente é arraigado de conhecimentos prévios, conhecimentos estes que não se tratam de abstrações somente de cunho escolar, mas principalmente de saberes inerentes a sua vivência, as suas relações sócias e familiares, as suas eminências abstraídas pela a sua percepção da realidade. Sobre essa construção intelectual exercida no ambiente escolar e relacionada a vivência do aluno Castrogiovani apud Santos, 2010 enfatiza que:

Sabemos que o sujeito traz consigo uma carga de experiências e de conhecimentos sistematizados ou não, realidades vividas muitas vezes impossíveis de serem representadas pelos professores. No entanto, [...], cada vez mais acreditamos que tais vivências devam ser aproveitadas, problematizadas e textualizadas, buscando-se, assim, a inserção da vida na escola, tornando a escola, efetivamente integrada á vida. (CASTROGIOVANI, p. 43, 2007)

Como se pode perceber as relações estabelecidas do sujeito com o seu espaço de vivência se dá no cotidiano, e que é justamente o conjunto dessas relações e contradições serão os pressupostos que irão construir/reconstruir esse espaço habitado. Logo, cabe novamente ao professor de geografia perceber os mecanismos sociais existentes nesses espaços e, na medida do possível, trabalhar estes conectados com os assuntos geográficos. Nessa perspectiva, as relações do indivíduo além de se manifestarem com a sociedade, são estabelecidas também com o meio, ou seja, no seu convívio social. Logo, são nos microespaços, manifestados na territorialidade individual, da família, na escolar, entre seus amigos, entre várias outras relações, é que são incorporados os conteúdos geográficos. E são justamente esses aspectos que permitem que se faça a ligação da vida real com a Geografia (Callai, 2001).

Ademais, a instituição escolar deve ter a consciência de que o aluno é um ser histórico e traz consigo todo um conhecimento empírico prévio. Nesse contexto, o desafio é trazer, fazer e ampliar esses conhecimentos numa perspectiva científica escolar, que permita aos alunos reconhecerem e ao mesmo tempo criticar a realidade estabelecida.

Contudo, essa prática ainda se encontra longe de ser inserida nas relações de ensino e aprendizagem geográfica, pois ainda é insistente a prática da memorização dos conteúdos trabalhados, na prática incessante e cansativa de conteúdos que priorizam o externo, o longínquo do vivenciado pelos os sujeitos que protagonizam a escola. Sobre esses sistemáticos os documentos oficiais como o Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nos trazem perspectivas de como são e como deveria ser fundamentado o ensino da Geografia no ensino básico:

A memorização tem sido o exercício fundamental praticado no ensino de geografia, mesmo sendo nas abordagens mais avançadas. Apesar das propostas de problematização, de estudos do meio e da forte ênfase que dá ao papel dos sujeitos na construção do território e do espaço, o que se avalia no final de cada estudo é se o aluno memorizou ou não os fenômenos e conceitos trabalhados e não aquilo que pôde identificar e compreender das múltiplas relações aí existentes (Brasil, 2000, p. 108).

Outro documento oficial que nos traz uma ideia de como deve ser fundamentado o ensino de Geografia e sua forma de abordagem são as Orientações Curriculares do Ensino Médio, onde elucida que a disciplina de Geografia:

Seu objetivo é compreender a dinâmica social e espacial, que produz, reproduz e transforma o espaço geográfico nas diversas escalas (local, regional, nacional e mundial). As relações temporais devem ser consideradas tendo em vista a historicidade do espaço, não como enumeração ou descrição de fatos que se esgotam em si mesmos, mas como processo de construção social (BRASIL, 2006, p. 43).

Contudo, apesar de se querer almejar um ensino geográfico crítico, que permita que os alunos percebam e reflitam sobre as ações que estão inerentes ao seu convívio social, o que geralmente encontramos são conteúdos geográficos fragmentados desconectados da realidade que o corpo discente vivencia. Logo, aonde não ocorre uma sistematização que permita o desencadeamento das ideias que permitam um sentido para os temas trabalhados no ambiente escolar, provavelmente estes não serão atrativos e usuais para os alunos.

4 O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA NO MUNDO GLOBALIZADO

O trabalho docente não se trata apenas de um ofício profissional, pois a atividade do professor possui, antes de mais nada, uma intencionalidade, uma conotação social que vira a se refletir sobre a sociedade. O agir profissional do professor possui uma conotação embutida de responsabilidades uma vez que são através de suas práticas desenvolvidas no ambiente escolar que estas virão a refletir sobre a aprendizagem dos alunos. Como salienta Pimenta (2002), a prática de ensino do docente deve perpassar constantemente pela a reflexão, ou seja, as ações desse sujeito devem ser sistematizadas de tal forma que o direcione para condutas efetivas da vida cotidiana dos alunos. É justamente nessa conjuntura que ocorre a manifestação das condutas do professor reflexivo. A ação de ensino do professor se transformará em ação social através dos seus alunos, que a partir dos conteúdos apreendidos irão pôr em prática os ensinamentos concebidos no ambiente escolar. Para tanto, a seleção dos conteúdos trabalhados bem como a metodologia utilizada para o ensino das mesmas virá a ser o suporte para com que o professor desenvolva junto aos alunos a habilidades cognitivas pertinentes a construção de valores éticos e formativos.

Em suma, o trabalho docente é ao mesmo tempo uma ação e uma prática social, uma vez que o desenvolvimento do ato de lecionar vira a se refletir sobre as ações dos alunos e estes, como seres sociais pertencentes a sociedade, virão a pôr em prática os conhecimentos adquiridos no ambiente ao qual convive. Todavia, essa práxis social requer do professor experiência e sensibilidade para saber selecionar e transformar os conteúdos científicos que compõem o currículo escolar em saberes formativos que, de alguma forma, venha a ser utilizado pelos os alunos no percorrer de suas atividades cotidianas. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009.).

Na verdade, tais premissas é um dos fatores mais importantes dos professores, em especial o professor de Geografia, é de grande relevância que o docente deposite valores e atenção a aspectos que sistematizam essas premissas, aspectos esses que devem se enquadrar em sua postura em sala de aula seguindo métodos que conduzam aos seus objetivos educacionais. Esse conjunto de ações e planejamentos, que mais uma vez recairão sobre os reflexos na sociedade, deve estar em atualização permanente, uma vez que a dinâmica das manifestações dos diversos fenômenos socioculturais, socioeconômicos e os aspectos antrópicos sobre a natureza, encontram-se em constante mutação, e cabe ao professor atentar-se para isso e remodelar as suas aulas seguindo essas mudanças. Trata-se de pesquisar as principais manifestações produzidas no espaço geográfico e como estas refletem no convívio

social, fenômenos socioeconômicos, políticos, culturais, transformações nos espaços urbanos e rurais, o uso das tecnologias, enfim, todos os fenômenos que, de maneira direta ou indireta, agindo de forma isolada ou em conjunto, interferem significativamente em nossas vidas.

Diante desse quadro, torna-se indispensável que o profissional, que o profissional docente, deve estar atualizado sobre o que está acontecendo no mundo, em seu país, em sua cidade e em seu bairro. Trata-se de procurar compreender os diversos fenômenos que são produzidos socialmente em suas diferentes escalas, e concomitante a isso, procurar associar como esses fenômenos vem a influenciar o nosso cotidiano (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Importante salientar que a aquisição dos saberes, que poderão vir a ser utilizados no ambiente escolar, não devem ter como finalidade apenas a divulgação para os alunos e que estes acumulem esses saberes.

O professor deve ter a consciência que as informações descontextualizadas, podem ser apenas dados subjetivos, que não são uteis para uma aprendizagem significativa. Na verdade, esses saberes devem conter significados e aplicabilidades uteis, e não estar restrito a ação de acumular enunciados, uma vez que, tal sistemática, não gera conhecimento, não significa que o aluno apreendeu e vira utilizar tais saberes em situações mais amplas. O conhecimento, como salienta Chauí (2000), trata-se de uma atividade muito mais promissora que reter dados na mente e memoriza-las, refere-se ao fato de apropriar-se de informações e estabelecer relações com o que é visto e vivido. É uma atividade complexa ao qual o indivíduo constitui do saber adquirido uma aplicabilidade na sua vida em sociedade. A partir da ação de pôr em prática esse conjunto de informações é que de fato se constituirá o verdadeiro conhecimento. Todavia, o conhecimento, por se tratar de um processo ele o é contínuo, uma vez que o sujeito ao observar, questionar e refletir sobre a sua ação de pôr em prática as informações, a priori adquiridas, poderá a vir sistematizar novos conhecimentos e aplica-los em outras situações em seu convívio.

Assim, é justamente nesse processo que o professor adentra como o sujeito ao qual virá a trabalhar junto com os alunos, métodos que este último venha a desenvolver suas próprias formas de construção do conhecimento. É nesse sentido que o docente deve orientar os seus alunos para com que desenvolvam e aprimorem constantemente a aptidão pela a investigação e pesquisa. Pesquisas essas que trilhem não apenas pelos os caminhos teóricos, mas também pelo o perquirir dos diversos fenômenos ao qual circunda a sua vida. Que nessa prática o aluno venha a desenvolver a capacidade de atrelar as informações adquiridas através da teoria com as manifestações socioculturais ao qual está inserido.

Um fator importante que ocorre na atualidade é o modo em que as informações chegam a população e em especial aos jovens que encontram-se em idade escolar. As novas tecnologias da informação e da comunicação transfiguram processos marcantes na sociedade. A velocidade em que as informações são veiculadas e chegam aos leitores através dos computadores são transmitidas quase em tempo real independente do lugar do mundo ao qual o acontecimento ocorra. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009.). Sem dúvida a rede mundial de computadores juntamente com a velocidade de transmissão de dados se tornou um mecanismo de extrema importância para a obtenção de saberes sobre os mais variados assuntos.

Contudo, como salienta Cavalcanti (1998), muito dessas informações chegam aos ouvintes, e conseqüentemente aos professores e alunos, de forma descontextualizada e/ou de forma tendenciosa, onde acoberta cunhos ideológicos que vão em direção oposta do que deveria ser almejado pela a maioria da população. Premissas como o fortalecimento da democracia, participação popular nas decisões sócio-políticas, discussão e almejo de modificações no sistema econômico vigente ao qual venha a beneficiar diretamente as classes mais oprimidas da sociedade em detrimento do uma pequena parcela da população, são uns dos poucos exemplos que podem ser acobertadas no decorrer da forma como as notícias são veiculadas.

É nesse sentido que a figura do professor, e em especial o professor de Geografia, deve estar atento aos acontecimentos ocorridos no mundo. É adotando uma postura reflexiva sobre as informações, atentando-se para as possíveis premissas ideológicas acobertadas nas notícias, que o docente poderá interpretar e questionar os acontecimentos ocorridos no espaço geográfico. É nesse sentido que o professor de poderá despertar e praticar junto aos seus alunos a sapiência de saber contextualizar essas informações de forma que exponha de como tais acontecimentos veem a interferir em seu cotidiano (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009.). Enfatizar de como a Geografia se manifesta na vivencia dos sujeitos é uma das formas de dar alusão a efetividade dessa ciência para a humanidade.

Nesse processo, uma característica que se apresenta de fundamental importância é a do professor tomar conhecimento do contexto estrutural do espaço ao qual seus alunos convivem, ou seja, trata-se do professor, por iniciativa própria, pesquisar de forma efetiva, como se caracteriza os fenômenos físicos e sócias ao qual seu corpo discente e constantemente esta sucinto a ter contato no seu dia a dia. Questões de cunho ambiental (saneamento, desmatamento, assoreamento dos rios, as mais variadas manifestações de

poluição, etc.), questões sócias (violência, desemprego, acesso e qualidade da educação e saúde, desigualdade social, acesso a moradia, etc.) são uns dos pilares que o professor de Geografia pode vir a pôr em evidencia na transposição dos seus assuntos didáticos. Na verdade, trata-se de uma forma do docente trazer a ciência geográfica para um patamar de proximidade com aluno, uma forma que diverge completamente do método mnemônico de se “fazer” Geografia (VESENTINI, 2003).

Uma forma de trazer a Geografia para um patamar de proximidade com o aluno é dar alusão a pesquisa como método de construção do conhecimento. Trata-se de o professor dessa disciplina pôr em evidencia a própria vida do aluno como forma de se fazer Geografia. Para tanto surge desse profissional a necessidade de compreender quais são os fenômenos geográficos que se manifestam no ambiente que é próximo ao aluno e fazer com que este venha a investigar tais fenômenos direcionados de forma que faça constante referimento a compreensão dos diversos fenômenos ao qual este aluno encontra-se em constante contato. Essa premissa surgiu da perspectiva de que tanto o aluno como o professor trabalhando juntos nessa conjuntura virão a dar um sentido de significância prática a aprendizagem proporcionada pela a Geografia encontrada cotidianamente na vivencia de ambas as partes (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009).

Como podemos perceber a forma com que o professor de Geografia alia os assuntos selecionados para serem trabalhados dentro e fora do ambiente escolar, juntamente com a metodologia utilizada, como também os objetivos aos quais ele quer atingir virá a interferir significativamente se os alunos virão a construir conhecimentos ou não. Logo, é perceptível que o processo de ensino aprendizagem perpassa por inúmeras variáveis que muitas das vezes estão longe do “controle” do professor, uma vez que o corpo discente vivencia relações adversar que também virão interferir no processo de aprendizagem. Relações familiares, sócias, econômicas, emocionais, dentre outros, fazem parte da existência do aluno, e nessa conjuntura, cabe, mais uma vez, o olhar minucioso do professor para com que venha a perceber a manifestação desses aspectos e procure administra-las no ambiente de sala de aula com a finalidade de que o aluno não seja tomado pelos os aspectos negativos que essas relações que o circundam proporcionam.

Assim, a prática do professor em ensinar requer deste uma prática de ter a consciência de que os alunos perpassam diariamente por vários processos sócias, e a intensidade desses processos podem vir a interferir significativamente no processo de assimilação dos conteúdos didáticos. Ensinar a alguém não significa apenas aferir conceitos e

modelos de explicações, não envolve tentar fazer com que o aluno acredite fielmente no que o professor explica. Ensinar, envolve, contraditoriamente, que o professor assuma uma postura subjetiva e inconclusa, sem racionalidades fechadas. Esse espaço é necessário para com que o aluno venha a expor suas opiniões a ajude a construir as sistematizações de forma coletiva (KAERCHER, 2014).

Ensinar envolve tanto uma perspectiva racional como irracional, e cabe ao professor saber articular os contextos necessários para a busca incessante de se conseguir êxito nas aulas. Essas perspectivas, como não poderiam deixar de ser justamente por ser um ser social, também fazem parte da vida do docente, e especificamente falando do ambiente escolar, esse profissional pode ser levado por fatos que a irracionalidade vem a decair sobre sua pessoa (KAERCHER, 2014). Exemplo disso são as aulas em que o docente não conseguiu atingir seus objetivos juntos aos alunos, acarretando, muitas das vezes, frustrações e até mesmo desânimo. Assim, o profissional docente deve saber lidar com essas situações: refletir sobre o que deu de errado; em quais momentos; e que possíveis redirecionamentos podem ser tomados para atingir êxito em suas aulas.

Nesse momento se faz necessário trazermos uma discussão sobre como na disciplina de Geografia escolar ocorre o processo de ensino e aprendizagem, ou seja, como esse processo, intermediado pela Geografia se faz necessário para a formação do sujeito aluno.

5 ENSINO E APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE OS PONTOS DESSA INTERLIGAÇÃO

Seja como ciência, seja como matéria de ensino a Geografia desenvolveu uma linguagem, um corpo conceitual que acabou por constituir uma dialética própria. Essa linguagem, que perpassa por conceitos próprios da Geografia, servem, dentre outros processos, para dar um direcionamento no desenvolvimento das interações de pesquisas e análises. Nesse processo, essa ciência, evidenciando a postura de abordagem dos aspectos sociais, guarda em si forte grau de relacionamento com uma gama infinita de sistema de ações impostas pela a sociedade na superfície terrestre nas mais diferentes escalas.

Nessa perspectiva a Geografia trabalhada no ambiente escolar deve procurar englobar além dessas sistematizações socioespaciais as relações que vislumbrem a prática da cidadania, as discussões políticas, as questões de identidade de gênero, as referências dadas a economia global e local, dentre vários outros fatores. Esse conjunto de saberes, que vieram a ser construídos histórico e socialmente, remete, principalmente por parte do professor, a uma análise cautelosa das informações obtidas e passíveis de seleção para com que venham a ser trabalhadas no ambiente escolar.

Como dito anteriormente, e reafirmado por Kaercher (2014), a prática docente deve estar calcada no direcionamento para com que o corpo discente busque o pensamento próprio e emancipatório, que esteja longe da cultura da repetição dos dizeres do professor, distanciar-se da imposição da verdade professoral, da cultura do engessamento das ideias, da personificação oracular na figura do professor. Todavia, se essas posturas não forem rebatidas pelo o próprio professor corre-se o risco de que esse agente não como um facilitador a aprendizagem significativa para os alunos, mas sim como um indivíduo que dificulta, que oferece obstáculos epistemológicos para com seus discentes. Uma vez que esse profissional através de suas ações não estimula a reflexão e o pensamento próprio do aluno e conseqüentemente a emancipação própria, estigmatiza a via contrária do processo de aprendizagem que é a dependência epistemológica de um sujeito atrelado a outro (KAERCHER, 2014).

Domesticação de mentes e doutrinação de corpos são feitas quando o professor põe apenas a sua opinião em sala de aula e se quer avalia e tão pouco valida a opinião do aluno. Na verdade, esse profissional cria um estereótipo de que para a aprendizagem seja consolidada os caminhos por ele direcionado devem ser seguidos à risca sem objeções, e nesse processo, o decorar de suas falas e a concordância com estas significa, para ele próprio,

a consolidação da aprendizagem. Em nome da liberdade, e da democracia e da criticidade em sala de aula operacionaliza-se uma trama onde os alunos devem se comportar como marionetes, negligenciados de pensamento e atitudes próprios.

Na verdade, o processo de ensino e aprendizagem deve estar interligado de tão forma que nas abordagens das aulas procure-se desenvolver métodos que mostrem ao aluno as formas de se tentar compreender a complexidade dos fenômenos estudados. Para tanto, ensinar não significa fazer com que o aluno acredite fielmente ao que ele é exposto pelo o docente como única forma de se explicar a realidade. O ensino envolve a prática constante de submeter ao aluno uma avaliação do que estamos lhe dizendo, e que este venha a desenvolver a capacidade de refletir e opinar de maneira própria (LIBÂNEO, 1998).

É ilusório querer que no processo de ensino o professor não venha a compor em seus assuntos abordados, certo cunho ideológico defendido por ele. Cada indivíduo, no caso o professor, possui uma sistematização própria de ideias e valores sócias que vieram a ser construídos através de suas experiências socioculturais, a partir de suas relações sociais. Isso, de maneira ou de outra, em maior ou em menor grau, vira, mesmo que de forma involuntária, compor a sistematização dos assuntos abordados no ambiente escolar. Mas, chamo mais uma vez a atenção de que essas ideias não venham a compor de forma demasiada as suas abordagens didáticas, senão correremos o risco, mais uma vez de ser proclamado no ambiente escolar a alma professoral.

Uma reflexão pertinente vale ser salientada sobre esse aspecto da construção social das ideias defendidas pelo o sujeito. A figura do aluno, por se relacionar na esfera social com diferentes grupos e instituições, constrói, gradativamente sua personalidade e sua própria forma, mesmo que empírica, explicar e enxergar a realidade. Conseqüentemente, esses modos de pensar sobre os mais variados assuntos virão arreigados de valores e concepções, que poderão ser evidenciados no ambiente escolar. E justamente nessa perspectiva que o profissional docente deve alerta-se para essas manifestações particulares dos alunos, ater-se e não negligencia-los. Deve compreender que o aluno ao desenvolver e expor determinado ponto de vista significa dizer que tal pensamento não surgiu de forma desconectada da realidade vivenciada por ele, mas sim de forma intercalada e valorativa de acordo com o grau de importância por ele dado.

Justaposto a esse pensamento ocorre ao professor a oportunidade de fazer com que a Geografia escolar venha a atingir importância na vida dos seus alunos, uma vez que, se os conteúdos geográficos vierem a ser trabalhados de forma conecta ao que é julgado por estes

alunos como importante, útil para o seu dia a dia, a valia dada a Geografia pode ser evidenciada, justamente por vir a fazer parte do seu cotidiano. Nesse processo, o ensino e a aprendizagem se intercalam e passa a ter maior grau de reputação tanto para o professor como para o aluno. Disso, segundo Santos (2012), surgiu o perigo desse profissional seguir demasiadamente as teorias científicas sobre os processos de ensino e aprendizagens calcados no centralismo professoral. As teorias são mortais e são atacadas constantemente pelas as experiências. Logo, se determinado processo de ensino e aprendizagem não é efetivado, foi justamente pela a experiência de pôr em prática a mesma que se pode verificar a sua plausibilidade.

A atitude de se arriscar pouco no processo de ensino e aprendizagem oferece os meios para a continuidade da mesmice, de um ensino que não mexa com as estruturas sociais, que seja apenas mantenedor da ordem estrutura vigente, de um ensino que preconiza a exploração e desigualdade social como algo natural e aceitável (VESENTINI, 2003). Na verdade, o ensino atinge, nas palavras de Hannoun (1998), todo o seu objetivo quando o educador constrói seu próprio suicídio pedagógico, que, como consequência de sua própria ação, caminha para a sua própria inutilidade junto ao educando, ou seja, centra-se no trilhar do caminho para com que o aluno adquira autonomia no processo de aprendizagem, adquirindo a capacidade de pesquisa e sistematização do conhecimento.

Muito mais do que se preocupar com a quantidade dos conteúdos a serem abordados em sala de aula, o professor deveria ser atentar para as posturas adotadas pelos os alunos durante o transcorrer das aulas. Os gestos corporais, o timbre da voz, o ritmo e o direcionamento da fala dos alunos, muita das vezes nos diz muitas coisas, nos fala por exemplo: se o aluno esta demonstrando interesse sobre o assunto abordado em aula; se as respostas e os argumentos apresentados apresentam nexos, enfim, se o aluno apresenta simpatia ou apatia pelos os assuntos trabalhados (KAERCHER, 2014). Vale salientar, que a expressividade corporal e comportamental, agora na pessoa do professor, também diz muito sobre a dinâmica de sua aula, uma vez que se o professor demonstra insegurança no que fala, entonação da voz baixa, pouca gesticulação corporal, o não indagar aos alunos, não direcionar o seu discurso para vários alunos, dentre outros vários exemplos, pode ser interpretado por este último como se o professor não estivesse preparado ou entusiasmado com o assunto selecionado e abordado por ele.

6 ANÁLISE DOS DADOS: OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO DURANTE AS AULAS DE GEOGRAFIA

Nesse momento iremos analisar algumas ideias e postulações referente à dinâmica das aulas de Geografia nas turmas do 2º ano do ensino médio do período vespertino (turmas “A”, “B” e “C”) da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros. Vale salientar que tais observações têm como objetivo analisar como caracterizam-se as aulas do professor de Geografia, principalmente no que se refere às metodologias de ensino. Entendemos como metodologia um conjunto de procedimentos sistemáticos que visam atingir objetivos e finalidades educativas. Na metodologia o professor põe em prática os objetivos de ensino através de um conjunto de procedimentos, técnicas e ações diversas e como este profissional conduz as suas aulas. Além disso, procure-se discernir como o corpo discente dessas turmas se comportam em sala de aula, se demonstram interesse pelos os assuntos tratados, se costumam participar das aulas, dentre outros aspectos

Nos primeiros contatos em que o professor veio a apresentar-me as turmas foi notório a curiosidade dos alunos ao verem aquela pessoa a sua frente dizendo que, não só eles iriam ser observados, mas também o professor da disciplina. Passado o momento inicial de curiosidade, esse sentimento, ao meu ver foi tomada por uma espécie de apreensão, parecia até que eu estava escutando o pensamento dos alunos, pensamentos estes do tipo: “como assim essa cara vai me observar? ”; “ esse rapaz vai me dar nota pelo meu comportamento? ”; “pensei que ele era um estagiário, mas agora ele vai avaliar nossas atitudes em sala. Tais ideias que perpassaram meu pensamento foram confirmadas ao ouvir um grupo de alunos se perguntando o que eu iria fazer ali. Diante das incertezas pedi licença ao professor para dar uma ligeira explanação. Concedida tal espaço, vim a salientar que eu não estava ali para avaliar ninguém, nem tal pouco atribuir pontuações de acordo com o comportamento e cada aluno. Muito pelo contrário, o intuito máximo de estar ali é justamente observar a naturalidade de como é transcorrido as aulas, e que para tanto, não precisavam se preocupar com minha presença, pedi até, em tom de brincadeira, que eles esquecessem que eu estava no local, e agissem de forma mais natural possível.

Passados esses instantes pude iniciar as minhas observações e constatar que o professor, ao dar continuidade no assunto que já vinha sendo trabalhado que eram as questões demográficas na Ásia, veio a pôr em evidencia de como algumas atitudes estão presentes em nosso dia a dia vem a influenciar sobre o controle de natalidade. Os métodos contraceptivos,

como também o planejamento familiar, principalmente no que se refere ao quantitativo de filhos a serem gerados, são formas de controle das taxas de natalidade da sociedade

Assim, dando continuidade nas explicações, a aula começou a ganhar outro assunto: e de saúde pública. Tal sistemática permitiu que os alunos viessem a explicar os problemas em que a grande maioria da população perpassa, tais como: acesso limitado aos tratamentos de saúde; a pouca informação dada pelo o Estado aos cidadãos no que se refere ao prevenção e tratamento de doenças e como a população mais carente está sujeito a contrair mais doenças. Nessa discussão foi possível observar uma dinâmica bastante participativa dos alunos, uma vez que tais problemas é sentido na pele pelos familiares destes. De maneira geral o professor tem o controle da turma, explica os assuntos com clareza e constantemente pergunta aos alunos se os mesmos possuem alguma dúvida.

Em um segundo momento, em observação dada a outra turma, o professor inicia a sua aula salientando que iria dar continuidade na abordagem do assunto sobre a reforma agrária. Assim, ao abordar tal assunto me chamou a interligação feita por esse profissional na questão dos produtos produzidos pela a agroindústria, em especial os alimentos transgênicos, e como estes alimentos estão presentes em nosso dia a dia. Salienta ele que, a pipoca, o leite de soja, o cuscuz, dentre outros, estão diariamente compondo a nossa alimentação e não existem estudos voltados para sabermos como esses alimentos interferem em nossa saúde. Nesse momento, o professor aconselha que, se possível, os alunos venham a consumir produtos orgânicos livres de agrotóxicos, uma vez que os alimentos que passaram por tratamento com pesticidas químicos podem acarretar doenças, tais como: câncer e distúrbios hormonais.

Continuando as suas explicações o professor novamente chama a atenção para a questão da saúde alimentar da sociedade, enfatizando que sempre que possível, os alunos dêem preferência a consumir produtos vindo da agricultura familiar, uma vez que é desse processo de produção que é originado a maioria dos alimentos que compõem a cesta básica dos brasileiros. Alimentos como: macaxeira, jerimum, milho, feijão verde, frutas, carnes de origem caprina, etc. tem como origem a agricultura familiar. O professor ainda salientou que o consumo desses produtos permite uma maior distribuição de renda, uma vez que são produzidos pelos os pequenos agricultores e não pelos os latifundiários.

Em seguida o professor explicou o processo logístico e econômico de como os produtos que compramos no supermercado saem de seu ponto de origem. Salientou de como cada processo em que esse produto passa, vai gradativamente, agregando valores o que resultara no seu preço final pago pelo o consumidor. Esse assunto deu a oportunidade dos

alunos manifestarem suas opiniões uma vez que se tratava de um assunto diretamente relacionado com a sua vida, que é o consumo de produtos. Para tanto, foi possível observar certa indignação de como o empresariado detém grande parcela de lucro sobre os produtos comprados pela a família dos alunos.

De maneira geral as aulas são bastante dinâmicas e o professor procura constantemente indagar os alunos sobre várias questões pertinentes ao assunto. Todavia, o nível de participação se restringe a um pequeno grupo de alunos, ficando a grande maioria, aparentemente alheio a o que o professor está querendo informa-los. Apesar de desse enquadramento de participação, o professor não procura inserir os menos interessados nas aulas nas discussões ocorridas, uma vez que lança os questionamentos para toda a sala de aula e não de forma direcional, o que poderia alavancar em maior participação dos alunos mais afastados das discussões. Tal sistemática, acaba acarretando a participação das mesmas pessoas, dos mesmos grupos de alunos, ponto negativo nessa dinâmica.

Contudo, é evidente que a grande maioria dos alunos procuram participar das aulas (principalmente os alunos que compõem as turmas “A” e “B”), aonde esse nível de participação é possível de ser alavancado graças a constante inserção do cotidiano vivido pelos os alunos na transposição dos assuntos didáticos. Além disso, as permanentes indagações aferidas aos alunos permitem que em vários momentos a sala de aula seja um ambiente de debate de ideias tanto entre o professor e aluno como entre alunos. São raros os exemplos em que o professor não obteve o controle da aula, uma vez que o uso da participação em sala não dá espaço para que os alunos ficassem dispersos e/ou em conversas paralelas alheias ao assunto tratado.

6.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.

Ponto de partida dos dados pesquisados na Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros, onde foi realizada a aplicação de um questionário junto aos alunos das turmas do segundo ano do Ensino Médio (A B e C) disponível no apêndice A, achamos importante traçar um perfil da faixa etária dos alunos envolvidos na pesquisa. Tal sistemática tem como objetivo verificar se existe defasagem idade/série nas turmas envolvidas na pesquisa. Logo, essas vertentes podem ser analisadas nos quadros 1, 2 e 3 evidenciados abaixo.

Quadro 1 - Quadro da faixa etária da turma do 2º ano “A”.

Idade (Anos)	15	16	17	18	19	20	Não resp.	Total
Quantidade de Alunos	1	12	10	1	-	-	9	33

Fonte: Autoria própria (2017).

Quadro 2 - Quadro da faixa etária da turma do 2º ano “B”.

Idade (Anos)	15	16	17	18	19	20	Não resp.	Total
Quantidade de Alunos	-	3	13	9	-	1	10	36

Fonte: Autoria própria (2017).

Quadro 3 - Quadro da faixa etária da turma do 2º ano “C”.

Idade (Anos)	15	16	17	18	19	20	Não resp.	Total
Quantidade de alunos	-	-	3	6	5	1	5	20

Fonte: Autoria própria (2017).

Percebe-se que na turma “A” a maioria dos alunos encontram-se enquadrados numa faixa etária compatível com a série escolar ao qual frequentam, uma vez que, segundo a resolução nº 04, de 13 de julho de 2010 do Conselho Nacional de Educação (CNE) que define as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, aponta que a idade recomendada para estar matriculado na segunda série do Ensino Médio é de 16 anos de idade. Isso, infelizmente não é observado na turma “B” nem tão pouco na turma “C” onde todos os alunos encontram-se com idade acima do recomendado pelo CNE. É interessante salientar que existe uma medida adotada pela a escola em dividir as os alunos nas turmas de acordo com a faixa etária. Ou seja, os alunos de menor idade e que não apresentam repetência de ano ficam nas turmas “A”. Já os alunos de idade mais avançada e/ou repetentes ficam matriculados nas turmas “B” e “C”.

Segundo relatado pelo professor da disciplina de Geografia no Ensino Médio da respectiva escola tal medida é justificada na condição de procurar alocar os alunos mais “interessados” pelos os estudos escolares como também os que apresentam idade “correta” para as respectivas séries, assim seria uma forma de seccionar os alunos de acordo com perfiz de interesse escolar e idade. Essa medida, de certa forma, segrega e seleciona os alunos o que pode acarretar uma menor interação e partilhas de conhecimentos, nem tão pouco ocasiona formas de contagiar, através do convívio e das correlações, dos alunos ditos mais estudiosos junto aos menos interessados. Além disso, o discente pode vir a demonstrar mais aptidão em lecionar nas turmas que contém alunos mais estudiosos e escantear as turmas que demostram menos interesse.

A segunda questão vem a se referir sobre qual profissão é exercida pelos responsáveis dos alunos. Essa medida tem como objetivo traçar um perfil socioeconômico da família dos discentes, visto que, de acordo com o nível do poder aquisitivo podemos prever, dentre outros fatores, se os alunos podem vir a ter acesso aos meios de consumo culturais (lazer, viajar, meio de transporte utilizado) bem como se o aluno pode vir a ter predisposição a trabalhar e ajudar na complementação financeira da família. Um ponto a ser salientado inicialmente é que dentre os alunos entrevistados, 89 no total, sendo que deste montante 33 alunos pertencem a turma “A”, 36 estão na turma “B” e 20 encontram-se na turma “C”. Na primeira turma 9 alunos não quiseram responder tal questão; na segunda turma 10 não vieram a responder; e na última turma 11 alunos não quiseram retrucar a referida questão.

Assim ao analisarmos as três turmas verificamos que o quadro das profissões dos responsáveis dos discentes é bem diversificado. Profissões como: pedreiro; vigilante; eletricitista; vendedor; aposentado; motorista; assistente de serviços gerais; autônomo; aposentado; empregada doméstica; cuidadora de idosos; manicure; cabelereira; operadora de caixa; diarista e dona de casa, são as profissões mais comuns exercidas pelos responsáveis dos alunos. Importante salientar que, na maioria dos casos, ambos os responsáveis exercem atividades trabalhistas o que demonstra que se faz necessário a complementação salarial familiar diante do auto custo de vida ao qual a nossa cidade imprime.

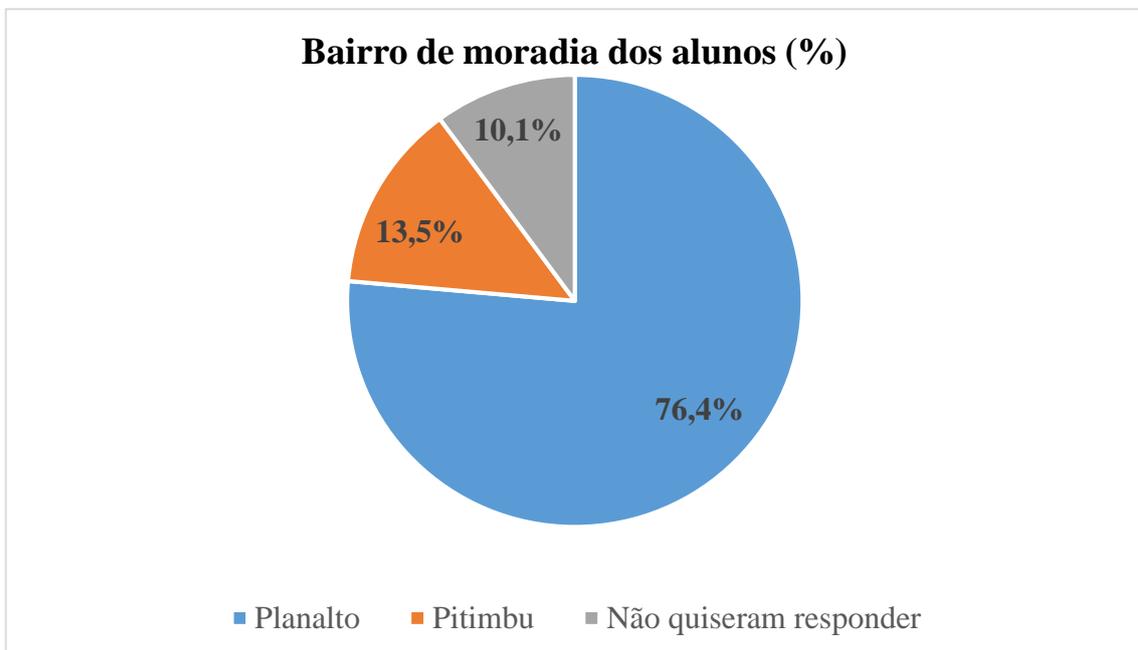
Diante desse perfil estima-se que a renda familiar da maioria dos alunos entrevistados está em torno de 1 a 2 salários mínimos, para os que somente um dos responsáveis exerce atividade trabalhista, e 2 a 3 salários mínimos onde ambos responsáveis exercem atividade laboral. Raramente algum responsável dos alunos envolvidos exercem alguma prática profissional que remete a um maior poder aquisitivo, tais como: técnico em meio ambiente; técnica em enfermagem; gerente de loja; comerciante; e funcionário público. Contudo, o perfil profissional dos responsáveis dos discentes delineiam para profissões mais comuns.

Nessa perspectiva, supomos que, diante do pouco poder aquisitivo da família ao qual o aluno pertence, os alunos devem ter poucos momentos de acesso e contato com outras culturas, outros lugares, ou seja, contato com diferentes espaços que demonstrem outras perspectivas de vida. Momentos em que o aluno possa comparar o local onde ele reside com outros espaços, com diferentes mecanismos socioculturais. Esse contato com outros espaços permite, como salienta Callai, 2001, que o indivíduo possa associar, refletir e até mesmo comparar os locais por ele visitado com o lugar ao que estabelece a maioria de suas relações diárias. Assim, a Geografia, por ser uma ciência de contato, permite que o sujeito possa

compreender os espaços através da análise, observação e sistematização do pensamento os fenômenos que estão contidos na área analisada.

A terceira questão, que remete a saber qual o bairro em que os alunos residem e a quanto tempo habita-o, tem a finalidade de que venha homologar os locais que esse aluno passa em seu dia a dia, bem como a estrutura física desse bairro ao qual reside. Além disso, tais questionamentos tem o intuito de identificar qual o bairro ao qual esses alunos vêm a inter-relacionar as suas ações diárias e observar se os mesmos perpassaram e vieram a conviver com a modificações existentes nos bairros em que residem. É notório que essa questão vem adentrar mais sobre a especificidade espacial ao qual os discentes tem contato diário, e que assim, se possa interpela-los se os mesmos vêm a conhecer os diversos fenômenos socioespaciais presentes em seu bairro. Interessante que apesar da escola estar localizada no bairro Pitimbu, a grande maioria dos alunos (68 alunos ou 76,4%) residem no bairro vizinho; Planalto. Já os que residem no Bairro Pitimbu são 12 alunos (13,5% do total). Já o quantitativo de alunos que não quiseram responder foram 9 o que representa o percentual de 10,1%. Essa sistematização pode vir a ser observada no gráfico 1 apresentada a seguir.

Gráfico 1 - Gráfico: Bairro de moradia dos alunos (%).



Fonte: Autoria própria (2017).

Como podemos perceber, a grande maioria dos alunos entrevistados residem no bairro Planalto, localidade essa que perpassa diariamente com diversos fenômenos ambientais e sócias que interferem diretamente sobre a dinâmica de sua população. Aspectos

como: falta de saneamento básico; insegurança; falta de Escolas de ensino médio; expansão residencial não planejada; infraestrutura de serviço de saúde pública deficitária; dentre outras manifestações, marcam, infelizmente, a conjuntura desse bairro. Logo, uma vez que a grande maioria dos alunos entrevistados residem nessa localidade, esses discentes podem vir a ter contato constante com esses fenômenos, e virão, sem dúvida, influenciar sobre o seu modo de vida. Esse parâmetro nos leva a salientar mais uma vez o pensamento de Callai (2011) aonde afirma que a experiência do vivido permite a concretude de um dos fundamentos da aprendizagem.

No que se refere ao aspecto temporal, há quanto tempo esses alunos vêm a residir nesses respectivos bairros nota-se que sua grande maioria residem há bastante tempo. Tomando isso como parâmetro esses alunos devem, ou deveriam conhecer, de forma significativa o bairro em que residem, uma vez que durante esse tempo tiveram a oportunidade de observa e conviver com os mais variados fenômenos socioespaciais. Esse diagnostico pode vir a ser observado no quadro 4 que apresenta a relação entre os anos em os alunos residem no bairro e a quantidade de alunos que vivem nos respectivos bairros.

Quadro 4 - Quadro da relação entre os Anos que os alunos residem em seu bairro e a quantidade de alunos

Anos	19	18	17	16	15	14	12	11	10	9	7	6	5	4	3	2	1
Quantidade De alunos	2	7	13	16	4	1	1	2	1	3	2	5	2	4	3	2	4
Não quiseram opinar	17																

Fonte: Fonte: Aatoria própria (2017).

Como podemos observar grande parte dos alunos residem em seus bairros há mais de 15 anos, o que, empiricamente, pode vir a significar que os mesmos têm um conhecimento acentuado sobre os aspectos que acontecem em seus bairros. Partimos do pressuposto de que quanto mais tempo um indivíduo vem a se relacionar com o espaço em que vive, maior será o a predisposição para adquirir conhecimentos com o mesmo.

Em seguida os alunos vieram a ser questionados se os mesmos realizam caminhadas frequentes no Bairro em que residem, como também nos bairros adjacentes. Essa pergunta vem do intuito de procurar saber se os alunos observam e se tem contato com os fenômenos que envolvem a dinâmica cotidiana do lugar ao qual residem. As modificações espaciais são,

a primeiro momento sensíveis e perceptíveis pelo o indivíduo através da observação e comparação. Logo, se o sujeito tem contato cotidiano com o espaço em que lhe é circundante e encontra-se relacionado com a sua observação este deve perceber e compreender as modificações que ocorrem nesse espaço. Assim, constatamos que 35 (38,3% do total de entrevistados) dos alunos vieram a responder que sim, que costumam caminhar pelo bairro em que reside como também os adjacentes. Já os que vieram a responder que não costumam caminhar por esses espaços foram 45 alunos (50,5 % do total). Por fim, os que não quiseram opinar foram 8 alunos (9 % do montante).

Confesso que o quadro não veio a atender as nossas perspectivas, uma vez que esperávamos que a grande maioria dos alunos viessem a responder que realizavam caminhadas pelo o bairro em que reside como nos bairros vizinhos. Essa perspectiva surgiu pelo motivo de que entre as décadas de 2000 e 2010 era comum encontrar jovens e adolescentes realizando caminhadas, andando de bicicleta pelas ruas dos bairros vizinhos (Pitumbu, Cidade Nova e Guarapes). Logo, esperavamos que essa atitude visse a ser acompanhada pelos entrevistados, uma vez que se encontram em uma idade que as curiosidades juntamente com a energia física são bem marcantes nessa fase da vida. Esperávamos que o transpor dessa vivacidade viesse a ser transbordada além dos portões de suas residências.

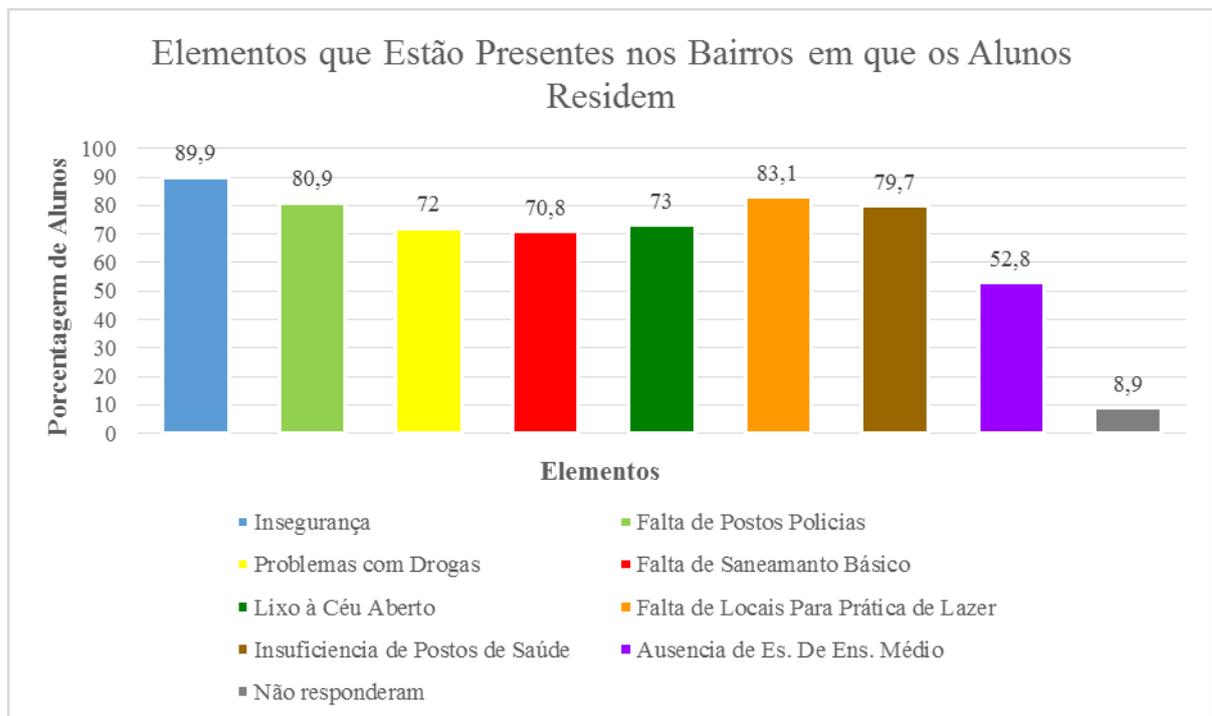
Assim, evidencia-se que o contato desses alunos com outros lugares se tornam restritos, uma vez que, as formas de explorá-los, de acordo com as práticas citadas acima, são pouco utilizadas. De acordo com Oliveira, (2011) dependendo do local de moradia do aluno este permitirá ou não um maior desenvolvimento de habilidades e competências reflexivas, uma vez que se o contato físico com esse lugar é possível e incentivado a ser feito acarretara um maior nível de racionalidades sobre o espaço vivido.

Todavia, um ponto veio a chamar atenção, que: apesar dos alunos não viessem a ser indagados sobre a justificativa de realizarem ou não caminhadas pelos os bairros, os que vieram a responder não, usaram algumas justificativas, como do tipo: Não caminho pelo bairro porque tenho medo de ser assaltado; e não caminho porque tenho medo da insegurança. Assim, mesmo estes que realizam caminhadas, vieram a se atentar para um fator social bastante presente nos bairros que fazem parte da cidade de Natal: a insegurança.

Posteriormente, os alunos vieram ser convidados a selecionar, através de uma grade de exemplos, os itens que os mesmos têm a certeza de que caracteriza o bairro em que residem como também nos bairros vizinhos. Tal questão remete ao objetivo de que os discentes

venham a qualificar os locais por eles vivenciados, tomando em consideração aspectos sociais e estruturais do bairro em que reside como nós adjacentes. Importante salientar que todas as opções elencadas na referida questão estão presentes nos locais. Essa constatação é evidenciada pelo fato o autor desse trabalho ter contato constante com bairro Planalto e, a partir disso, constatar *in loco*, tais aspectos tanto nesse bairro como nós circunvizinhos. Assim, a sistematização dessa questão pode vir a ser analisado através do gráfico 2 apresentado a seguir.

Gráfico 2 - Gráfico: Elementos que estão presentes nos Bairros em que os alunos residem.



Fonte: Autoria própria (2017).

Como podemos perceber a grande maioria dos alunos vieram a identificar os elementos que estão presentes em seus bairros. Tal constatação se torna mais interessante a medida que, como salientado na questão anterior, a maioria dos alunos não costumam realizar caminhadas pelo o bairro em que reside nem nos bairros adjacentes. Outrora, esse parâmetro pode ter vindo a ser superado pela a sistematização da terceira questão da enquete direcionadas a eles, aonde nos foi evidenciado que a grande maioria dos alunos residem em seus respectivos bairros a um tempo considerável. Essa evidencia nos leva a crer que, apesar da maioria dos alunos não terem contato diário com o lugar em que vivem, isso é superado pelo tempo em que residem nos mesmos, o que os levam a conhecer, mesmo que de forma corriqueira ou não intencional, alguns aspectos que fazem parte do bairro em que residem.

Analisando os dados coletados a partir dessa questão é perceptível a expressividade em que o item insegurança (onde 89,9% dos entrevistados vieram constatar que no bairro em que residem perpassam por esse problema), que daí também adentram os itens da falta da ausência de postos policiais como também os problemas com drogas (que apresentaram os percentuais de 80,9% e 72% respectivamente), estão presentes no cotidiano dos alunos. Tais aspectos, cada vez mais presentes em nosso cotidiano, é percebido pelo o aluno no lugar em que realizam as suas experiências diárias. E como problema social tal presente, surge a sua iminência da abordagem de assuntos interligados a essa problemática no ambiente escolar, para com que o aluno venha a refletir sobre os diversos fenômenos ao qual dessa vicissitude é ramificado. É evidente a necessidade da comunidade escolar, e especificamente o professor de Geografia, tratar a fundo esse assunto a fim que venha a levar o aluno a pensar de como essa problemática acaba a influenciar no seu cotidiano, e como ele, sujeito social que está inserido nesse problema, pode vir a promover ações que minimizem os seus efeitos.

Cavalcanti (1998), nos elucida que entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento, onde ambos, de forma recíproca, se transformam. Quero dizer que o homem a partir de suas ações sobre o espaço abstrai concepções e percepções, encantos e desencantos, e isto, conseqüentemente, vira a fazer parte de sua formação humana. A partir do momento em que o sujeito deposita emoções sobre o espaço este, gradativamente, vai deixando de ser espaço para se tornar em lugar.

Nos chama a atenção também a identificação vinda dos alunos nas questões que se referem a saúde do bairro em que mantem as suas relações cotidianas. Os elementos como falta de saneamento básico, insuficiência de postos de saúde e ausência de locais para a pratica de lazer público foram bastante evidenciadas pelos os discentes na referida questão. Assim, de forma analítica, pelo fato da maioria das famílias em que os alunos fazem parte ter um poder aquisitivo relativamente baixo, esses itens expostos revelam que essas famílias são dependentes desses serviços públicos, especificamente no que se refere a saúde pública. Nisso, tais percepções podem vir a ser tomadas pelo a Geografia escolar, evidenciando os problemas e questionamentos ao qual o poder público tem a responsabilidade de solucionar junto aos seus cidadãos. Compreender a estrutura e responsabilidade do Estado é fundamental para com que os alunos venham a reivindicar e saber os caminhos para a procura de um caminho mais democrático e universal no que se refere ao oferecimento dos serviços públicos. Sobre essa questão Callai (2001) nos encaminha a reflexão de que no ensino de Geografia, possui:

O grande desafio de tornar as coisas mais concretas e mais reais. Um ensino consequente deve estar ligado com a vida, ter presente a historicidade das vidas individuais e dos grupos sociais, com um sentido para buscar o conhecimento existente e conseguir produzir conhecimento próprio. Isto é educar para a cidadania, e para que a educação para a cidadania se torne emancipatória deve começar com o pressuposto de que seu principal objetivo não é ‘ajustar’ os alunos à sociedade existente (CALLAI, 2001, p. 143).

Adiante, os questionamentos aferidos aos alunos, especificamente a partir da questão 4, vem a delinear a procura de um diagnóstico de como é sistematizada as aulas de Geografia na visão e opinião dos alunos, levando, para isso, as características das aulas e os modos em que o professor dessa disciplina transcorre as suas aulas. Nessa perspectiva, os alunos vieram a ser perguntados se eles acham importante ou não estudar Geografia e, para isso, os mesmos deveriam justificar as suas respectivas respostas. Do total de entrevistados, 76 alunos, o que representa 85,4% dos alunos, vieram a responder que sim, que é importante estudar Geografia. Apenas 2 alunos, o que representa 2,2% dos entrevistados, vieram a dar uma resposta negativa a pergunta. Já os que não quiseram responder o total foi de 11 alunos, representando 12,4% dos entrevistados.

Dentre as justificativas utilizadas pelos os alunos para explicar porque é importante estudar Geografia destaca-se uma variedade de respostas. Todavia essa variedade segue uma sistematização coerente do que, de fato, se espera que a Geografia escolar deve buscar na sua objetividade. Dentre as justificativas abordadas pelos os alunos, destacam-se os relatos abordados. Para não expormos os sujeitos entrevistados usaremos letras para identifica-los. “Porque ela aborda temas importantes para o nosso desenvolvimento intelectual e ideológico” (Aluno A, 2016); “Porque nos ajuda a entender o espaço urbano e as formas de como as pessoas se relacionam nele. ” (Aluno B, 2016); “Porque fala sobre aspectos naturais e sobre política, dando uma percepção nova sobre nossas escolhas. ” (Aluno C, 2016); “Por mostrar temas presentes em nosso cotidiano. ” (Aluno D, 2016); “Para entendermos sobre os problemas da economia. ” (Aluno E, 2016); “Para entendermos sobre o que está acontecendo ao nosso redor. ” (Aluno F, 2016); “Para entendermos sobre reforma agrária. ” (Aluno G, 2016); “Para entendermos sobre globalização. ” (Aluno H, 2016); “Por ser um meio de formar um cidadão. ” (Aluno I, 2016); “Por nos manter informados sobre as mudanças ocorridas no espaço geográfico. ” (Aluno J, 2016).

Essas explicações são apenas uma amostra da diversidade de justificativas dadas pelos os alunos. Apesar de respostas simples e diretas, é perceptível o grau de complexidade em que

os alunos referem-se à Geografia. Temas relacionados a economia, globalização, reforma agrária, política e cidadania são uns dos exemplos demonstrados pelos os alunos. Merece destaque também a relevância em que os entrevistados vieram dar a essa disciplina no relacionamento com o que é vivido por eles. A fala do aluno, que sintetiza várias, onde diz que: “A Geografia nos ajuda a compreender sobre o lugar em que vivemos”, revela que os assuntos abordados em sala de aula são abordados de alguma forma levando em consideração os aspectos per permeiam sobre a vida dos discentes. Assim, esses alunos ao assimilarem tais perspectivas vem a poder exercitar a sua visão crítica sobre os fenômenos ao qual se relaciona a partir de suas ações diárias. Desta variedade de exemplos discernidos pelos os alunos, podemos associar com as palavras de Vessentini (2009) aonde salienta que o ensino de Geografia deve proporcionar ao aluno um olhar plural sobre o espaço analisado. Um olhar em que o sujeito possa ter discernimento da manifestação dos diversos fenômenos que os circundam, longe de um olhar estático, unidirecional, em que estreite a visão sobre a vida.

Outrora, vários outros alunos vieram a usar algumas justificativas que, digamos, da ênfase aos assuntos de cunho físico e cartográfico da Geografia. Para tanto, algumas ideias vieram a ser explanadas com os seguintes dizeres: “Para obtermos conhecimento sobre o meio ambiente, como são formados os continentes e as áreas. ” (Aluno K, 2016); “Para conhecermos outros lugares. ” (Aluno L, 2016); “Para sabermos sobre o clima e geologia. ” (Aluno M, 2016); “Por que retrata o tempo e o clima nas áreas. ” (Aluno N, 2016); “Para saber sobre as localizações. ” (Aluno O, 2016); “Por causa dos mapas. ” (Aluno P, 2016).

Essa amostra de justificativas nos remete a ideia em que o aluno dá maior ênfase aos assuntos físicos e cartográficos sem fazer uma interligação com os aspectos antrópicos, nos remete a ideia da insistência de existência de duas Geografias no ambiente escolar: física e a humana. Tal, ideia interpretada a partir das falas desses alunos e até mesmo incentivada por alguns professores ao longo da jornada escolar, nos remete pensar de como a Geografia escolar é tratada de forma arbitrária, sem uma delimitação correlata com o que de fato se pretende ao ensinar Geografia aos nossos jovens. Dar ênfase aos aspectos naturais sem levar em consideração os aspectos sociais, corrobora ainda mais para essa espécie de separação.

Já em outro momento podemos englobar as justificativas dada pelos os alunos em uma perspectiva mais abrangente da Geografia, onde relatam e refletem a não objetividade dessa disciplina no ambiente escolar. Tal afirmação pode ser exemplificada pela a fala dos alunos apresentadas a seguir: “Porque a Geografia estuda vários assuntos. ” (Aluno Q, 2016); “Para termos vários conhecimentos. ” (Aluno R, 2016); “Para entendermos o mundo.” (Aluno S, 2016).

A partir dessas explanações é perceptível como os alunos vêem a Geografia como sendo uma disciplina que trata sobre vários assuntos. Esse atributo, por mais que abra várias possibilidades para essa disciplina ao poder discutir inúmeros temas sobre as mais variadas vertentes, pode vir a ser problemática, uma vez que a ausência de objetividade pode se tornar marcante no transcorrer das aulas. Corre-se o risco dessa disciplina se tornar, como salienta Kaercher (2014), em uma revista de variedades, onde a demasiada liberdade se torna prejudicial o entendimento sobre a efetividade da Geografia. De fato, essa particularidade de a Geografia em poder tratar de vários assuntos pode ser uma forma de poder trazer os alunos para dentro de assuntos que os mesmos venham a ter curiosidade e aptidão pela a participação e buscar a aprendizagem. Entretanto, existe uma linha muito tênua nesse caminho, uma vez que ao tratar a Geografia como uma disciplina que pode tudo, corre-se o risco de seguir pelo o caminho da liberdade sem rumo.

Em seguida, na continuidade do questionário aplicado junto aos discentes, surgiu o seguinte questionamento: qual a utilidade da Geografia para você? Tal questão remete ao fato de se procurar dar ênfase a como o aluno enxerga a utilização do que essa disciplina aborda em sala de aula para uma perspectiva extraescolar, ou seja, de como esse aluno percebe e utiliza a Geografia em seu cotidiano. De forma geral, os alunos vieram a responder essa questão de forma genérica, aonde muitas das vezes acabaram a repetir os dizeres da questão anterior. Poucos foram os casos em que os alunos vieram a descrever e aliar o que se aprende nessa disciplina de uma forma que venha a utilizar em seu cotidiano, dentre estes destaca-se as seguintes respostas: “entender o meio ambiente e o espaço em que vivo”; “ajuda a pensar sobre problemas que nos envolvem”; “nos ajuda a discutir sobre política e sobre pode nos prejudicar ou melhorar”; “ajuda a relacionar o que vejo na TV com o que vejo na escola”; e “conhecer o espaço que habito e sobre a interferência dos humanos no meio ambiente”.

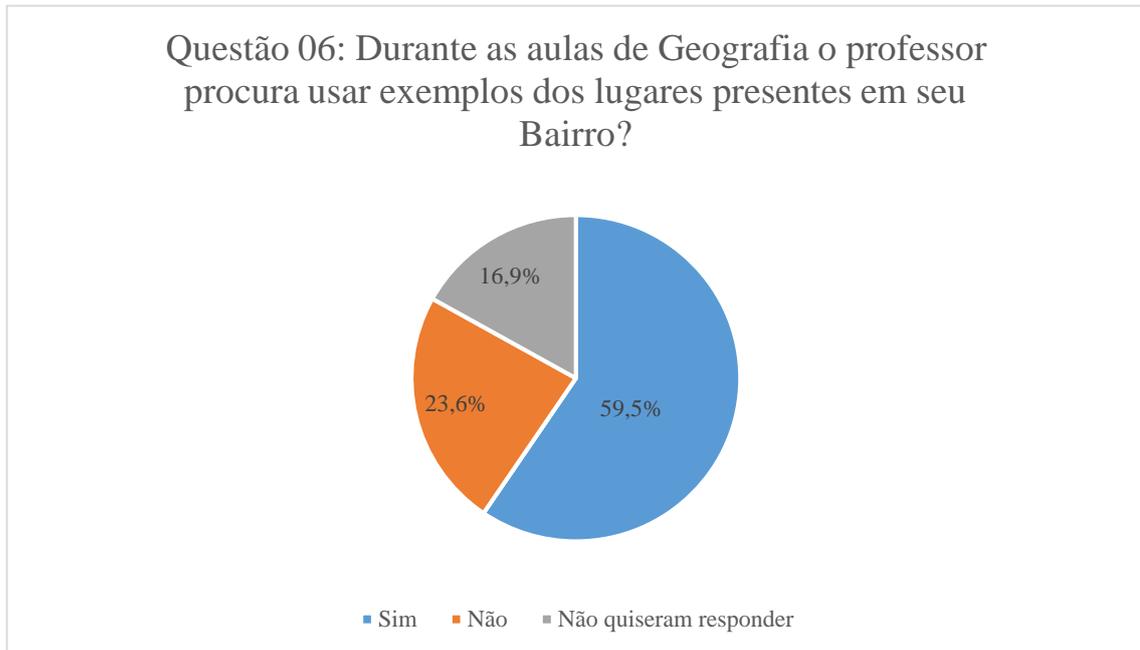
Percebe-se que mesmo de forma descontextualizada alguns alunos vieram a sistematizar uma ideia sobre a utilidade da Geografia escolar. Todavia, isso não foi acompanhado pela a grande maioria dos entrevistados uma vez que persistiu a respostas soltas, descontextualizadas, e a falta de se inserir o espaço em que vivem como parâmetro intrínseco a utilidade da Geografia. Respostas soltas como: “para se adquirir mais conhecimento”; “para identificar países e cidades”; “para entender o meio ambiente”; “para entender a Geopolítica”; “para conhecer o espaço geográfico”, “são uns dos exemplos dessa descontextualização geográfica com o que é vivido por esses discentes.

Chama a atenção a quantidade de alunos que vieram a enfatizar que a Geografia não oferece nenhuma utilidade para o seu cotidiano (5 alunos). Isso pode vir a demonstrar o desinteresse do aluno e/ou do professor em sistematizar as ideias numa perspectiva utilitária para a Geografia. Merece destaque também a quantidade de alunos que não quiseram responder (15 alunos) o que também pode vir a refletir sobre o aspecto anteriormente abordado. De maneira geral, encaro nessa questão uma dificuldade de o aluno compreender e perceber como a Geografia está inserida e pode ser utilizada em seu cotidiano, uma vez que como diversos fenômenos estão ligados ao seu dia a dia tais como: política e participação popular; saúde pública e insegurança; questões de cunho econômico e religioso; dentre outros assuntos.

Tal sistemática se opõe às ideias de Castellar (2011), aonde explana que na atualidade ocorre a necessidade de se pensar em um ensino geográfico que ajude aos alunos a refletirem sobre a sua própria existência, sobre sua identidade e sobre as relações da sociedade com o espaço. Um ensino que leve o aluno a compreender que o simples fato de existirmos implica necessariamente em fazermos Geografia, que em nossas ações para a manutenção da vida estamos fazendo Geografia

A seguir as questões direcionadas aos alunos tiveram como finalidade elaborar uma análise de como se sistematiza a aula do professor titular da disciplina de Geografia em uma perspectiva do segundo as descrições dos alunos. Nessa perspectiva, iremos procurar enfatizar se e como o professor direciona as suas aulas tomando como parâmetro o lugar de vivência de seus alunos interligados com os conteúdos didáticos abordados. Assim, como pode ser observado no apêndice 1, especificamente na questão 6, se lança a seguinte questão: durante as aulas de Geografia o professor procura usar exemplos dos lugares presentes em seu Bairro? Se sim justifique cite exemplos dessa experiência. A esquematização do que se refere a primeira indagação pode vir a ser sistematizada a partir do gráfico 2:

Gráfico 2 - Gráfico: Sistematização da sexta questão.



Fonte: Autoria Própria (2017).

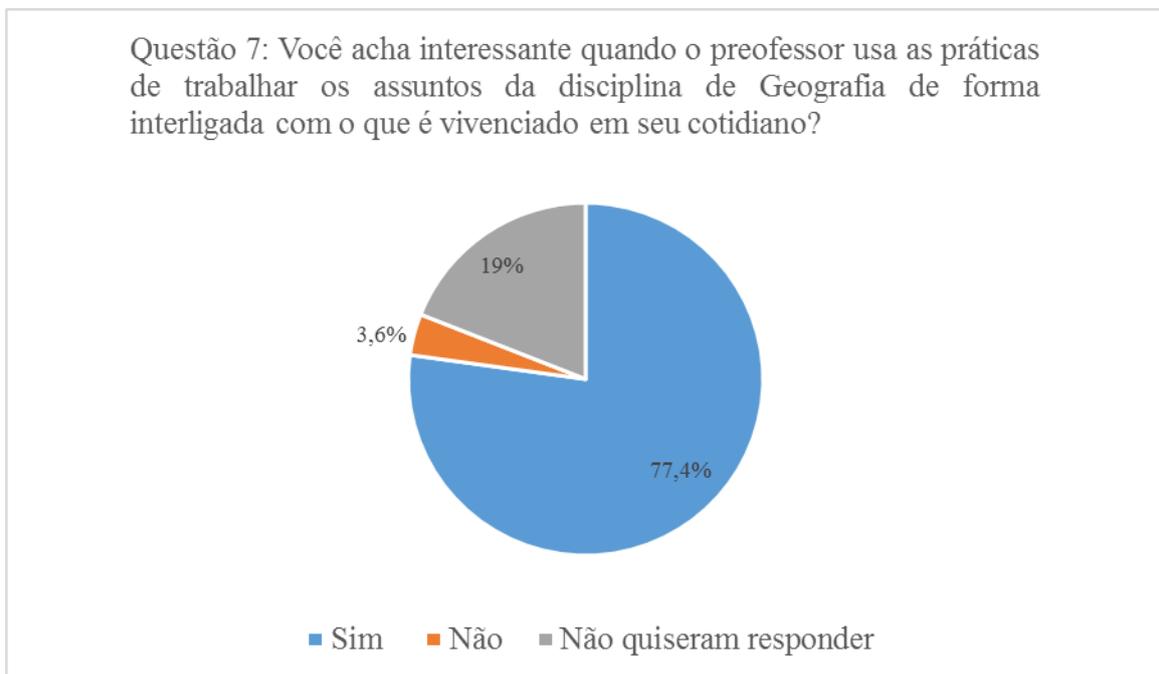
Como é perceptível a maioria dos alunos, 59,5% ou 53 do total de entrevistados, vieram a elencar que o professor usa exemplos de lugares contidos nos bairros em que esses alunos residem durante as aulas de Geografia. Sobre os exemplos dessas ideias (que trata-se da continuidade da questão 06) viemos a analisar, segundo os alunos, que o professor utiliza referências de diversos assuntos que estão relacionados ao cotidiano destes primeiros, tais como: a falta de saneamento básico; questões ambientais como queimadas e despejo de lixo de forma incorreta; sobre questões urbanísticas como a presença de ruas estreitas no bairro, a qualidade das residências, a insuficiência de transporte público e de determinados tipos de comércio; e os problemas gerados pela insegurança como roubos, tráfico de drogas e assassinatos.

Esses problemas, apesar de serem negativos na questão da qualidade de vida dos alunos, são as formas de manifestações espaciais em que esses sujeitos têm contato diário. Tais aspectos podem ser elucidados pelo professor, uma vez que, segundo Castrogiovanni (2007), poder aliar o que o aluno vivencia com os assuntos geográficos é uma das melhores formas de se pôr em destaque para o aluno de como a Geografia é encontrada nas mais diversas manifestações do seu cotidiano.

A partir dos depoimentos dos alunos percebemos que professor da disciplina de Geografia procura sim utilizar elementos contidos no cotidiano dos alunos na explanação dos assuntos geográficos. Assim, podemos levantar que a procura por uma aprendizagem significativa junto aos alunos é almejada por esse profissional.

Dando continuidade na análise das questões aferidas aos alunos víamos a indagar a estes na questão 7, se eles acham interessante quando o professor usa as práticas de trabalhar os assuntos da disciplina de Geografia de forma interligada com o que é vivenciado em seu cotidiano? Por quê? Tal questionamento tem como pretensão analisar se os alunos iriam procurar dar respostas em que enfatizassem que a Geografia trabalhada no ambiente escolar é, de alguma forma, útil para o seu cotidiano. Assim, sobre o primeiro questionamento a sua síntese pode ser observada no gráfico 3 apresentado adiante:

Gráfico 3 - Gráfico: Sistematização da questão 07.



Autor: Autoria própria, (2017).

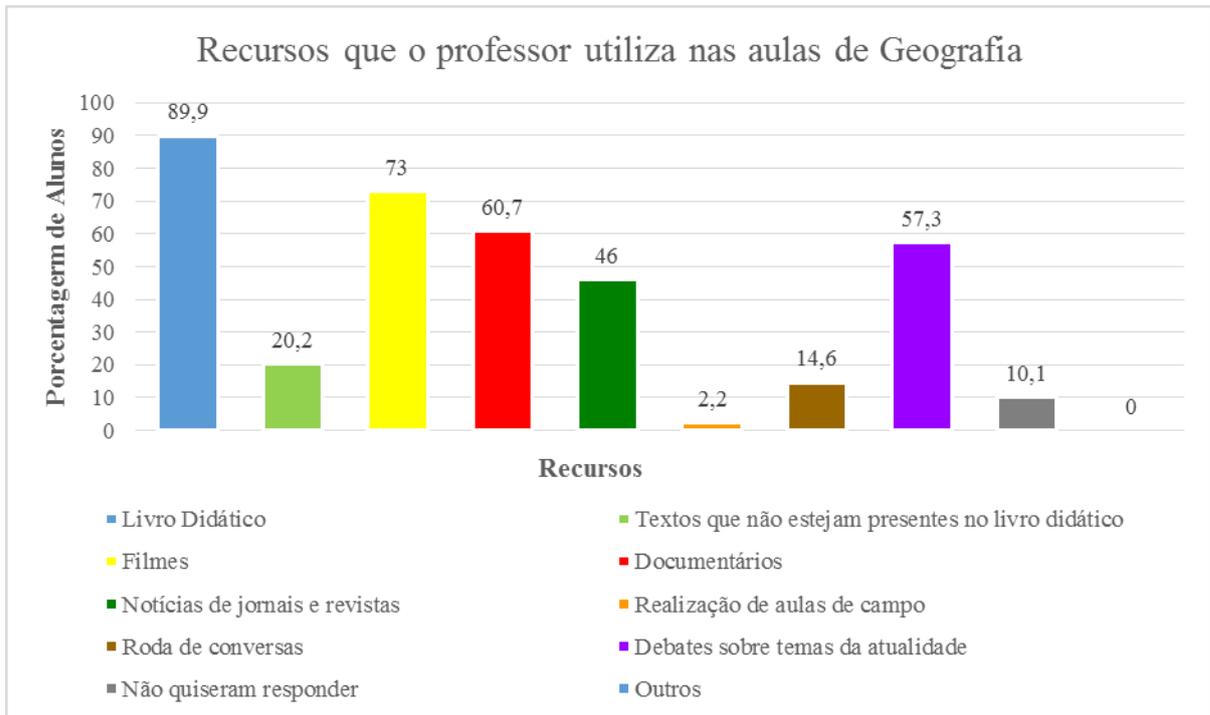
Como podemos perceber a grande maioria dos alunos (77,4% ou 69 alunos entrevistados) enfatizaram que acham interessante que o professor de Geografia use a prática de trabalhar os assuntos abordados de forma interligada com o que é vivenciado por eles em seu cotidiano. Para exemplificar as atitudes em que, segundo os alunos, o professor utiliza em tais práticas é interessante as respostas destes, justificativas como: “Porque é uma forma de debater os problemas e situações do cotidiano.” (Aluno AA, 2016); “Por ser uma forma de tornar os assuntos mais atrativos”. (Aluno AB, 2016); “Para ficar mais fácil a compreensão dos assuntos”. (Aluno AC, 2016); “Para não ficarmos em uma aula chata e sabermos mais sobre o lugar em que vivemos”. “Porque exemplos que envolvem nosso cotidiano é muito bom para entendermos e para vermos como a Geografia se insere em nossas vidas”. (Aluno AD, 2016); “Por nos aproximar mais dos assuntos trabalhados”. (Aluno AE, 2016); “Por mostrar os problemas e as possíveis soluções para estes”. (Aluno AF, 2016); “Para termos noção do que está acontecendo em nosso cotidiano” (Aluno

AF, 2016); “Por tornar as aulas mais interessantes”. (Aluno AG, 2016); “Porque assim ficamos cientes do descaso das autoridades com a população e conhecermos nossos direitos. (Aluno AH, 2016); “Para praticarmos o que aprendemos”. (Aluno AI, 2016); “Para ficarmos sabendo o que está acontecendo em nosso bairro”; “Por deixar as aulas menos teóricas e entediantes”. (Aluno AJ, 2016); “Porque assim temos mais variedades no ensino”. (Aluno AK, 2016).

Como podemos perceber a grande ramificação de ideias nas descrições citadas acima nos remete a importância de se trabalhar a Geografia de forma interligada ao dia a dia dos alunos. Tal prática permite o ensino se torne mais proximal ao aluno o que acarretará maior interesse sobre os assuntos abordados bem como uma maior aptidão em procurar e sistematizar, através dos exemplos cotidianos, as temáticas abordadas. Além disso, essa metodologia permite que o professor traga para dentro do ambiente escolar aspectos que são observados lá fora. Compreender que o espaço escolar tem como uma das finalidades unir a ciência com o cotidiano é possível através da prática de abordagem explanada acima. A maior expressividade de contato do aluno é justamente com os fenômenos que acontecem em sua cidade, em seu bairro e em sua casa e na escola, sendo assim, o profissional docente, juntamente com a comunidade escolar têm o dever de aliar esses os fenômenos que acontecem nesses ambientes em uma perspectiva de ensino que permita ao aluno compreender a realidade ao qual está inserido e participa como agente modificador dessa realidade.

Dando continuidade na análise das questões adiante aonde se procura estabelecer um diagnóstico de como o professor da disciplina de Geografia aborda as suas aulas nas turmas envolvidas na pesquisa iremos averiguar, através das respostas dos alunos, que recursos didáticos o referido professor vem a utilizar em suas aulas. Para tanto, como pode ser observado no apêndice 1, especificamente na questão 8, alguns exemplos foram dados aos alunos e os mesmos deveriam marcar os itens em que o discente utiliza em suas aulas, para tanto a escolha das respectivas alternativas podem vir a ser sintetizada a seguir no gráfico 4 apresentado a seguir:

Gráfico 4 - Gráfico: Recursos, segundo os alunos, utilizados pelo o professor de Geografia.



Autor: Autoria própria, (2017).

Como podemos perceber, apesar do livro didático ser o recurso mais utilizado na abordagem dos assuntos didáticos, aonde 80 alunos ou 89,9% dos entrevistados vieram a confirmar o uso desse recurso, ocorre uma variação considerável de métodos que são utilizados pelo o professor na transposição das aulas de Geografia. Componentes como filmes, documentários, debates sobre temas da atualidade e notícias de jornais e revistas são bastante empregados durante as aulas. Nessa perspectiva podemos aliar tais medidas, ou seja, o oferecimento de vários recursos que auxiliem no processo de abordagem dos assuntos didáticos, com a síntese da questão 4, aonde os alunos vieram a ser indagados se os mesmos acham importante estudar geografia, em que a grande maioria respondeu que sim. Logo, essa diversidade de recursos utilizados venha a ter relevância considerável no que diz respeito a essa importância descrita pelos os alunos. Outro ponto a ser levantado é que essa variação de recursos possibilita que as aulas sejam mais interativas, participativas e multidirecionais. Permitem que os alunos compreendam que a Geografia pode ser encontrada e evidenciada nos mais variados meios, desde um programa de televisão a um debate em sala de aula (RICARTE E CARVALHO, 2011)

Outrora, chama a atenção, além da pouca expressividade de utilização dos recursos proporcionados pela as rodas de conversa e textos que não estejam presentes nos livros didáticos, a pouca, diga-se quase, ausente, expressividade do uso de aulas de campo como

recurso didático. Como sabemos, esse método de ensino permite, entre outros atributos, que o aluno tenha contato direto com o objeto de estudo a ser analisado. A prática dessa atividade permite uma relação íntima entre o sujeito e a variável a ser estudada, aonde tanto o professor como o aluno podem vir a relacionar as teorias e concepções abordadas no ambiente escolar com o que é visto no meio utilizado para a realização da aula de campo. Tal prática além de representar a concretude da teoria configura-se na possibilidade de se alcançar novos questionamentos pelos os sujeitos que compõem o processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, tal aspecto, apesar de não ser um dos objetivos desse estudo, da não utilização da aula de campo como recurso didático, muitas das vezes não parte da ausência de iniciativa do professor e/ou da direção escolar. Pois, como sabemos, a estrutura oferecida pelas entidades governamentais responsáveis por gerir e financiar as escolas públicas não dão suporte financeiro a realização de práticas educacionais que permitam o contato do aluno com outro ambiente que não seja o escolar.

Em seguida na questão 9 os alunos vieram a ser indagados se o professor de Geografia procura fazer interligações de problemas e soluções dos que acontecem em outros países e os trazem para a realidade vivenciada no nosso país, estado, cidade e/ou bairro. Tal questionamento tem a finalidade de verificar se o discente procura estabelecer uma conexão dos acontecimentos ocorridos no mundo e os tenta trazer para uma visão local, ou seja, tem como objetivo analisar se o professor busca e explana em suas aulas a interligação de assuntos global/local.

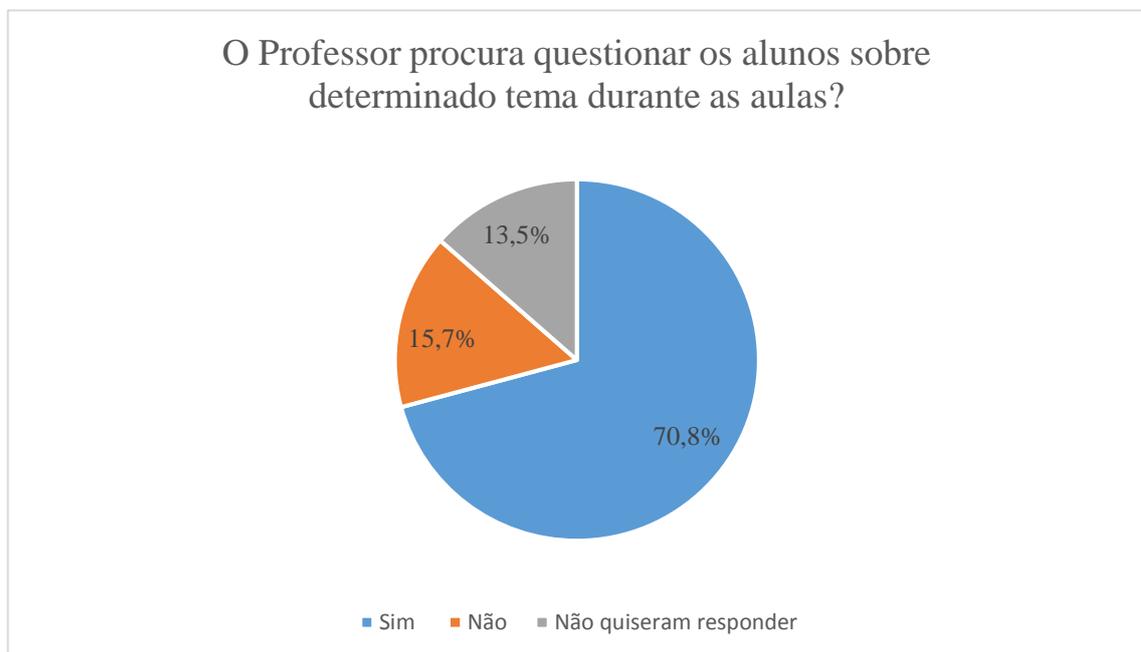
Essa indagação é pertinente uma vez que, como salienta Cavalcanti (1998), a complexidade e a velocidade ao qual os acontecimentos vislumbram no mundo, surge a perspectiva de analisar os fenômenos não somente em uma visão qualitativa, tradicional e/ou descritiva, mas sim a partir de outros enfoques, que ocorresse a interpretação dos fenômenos que melhor viesse a explicar a dinâmica espacial e social em um contexto mais global (CAVALCANTI, 1998). Ou seja, surge a necessidade de que as análises dos fenômenos não sejam analisadas com uma vertente isolada, como se o objeto estudado fosse endêmico a área de sua manifestação. Na verdade, o processo de globalização faz com que os mais diversos fenômenos possam estar interligados a outros lugares longínquos, sistematizando assim uma interligação nas mais variadas escalas.

Analisando os dados obtidos da questão nota-se que a grande maioria dos alunos vieram a dar resposta positiva sobre o questionamento. Essa atitude tomada pelo o professor, que é percebido pelos os alunos, vem a contribuir bastante para o ensino da Geografia, uma

vez que, dentre outras questões, possibilita que os discentes compreendam que os diversos processos que se estigmatizam em determinado lugar e/ou região não acontecem de forma isolada, uma vez que pode vir a influenciar em um local totalmente distante de sua iniciação. Compreender que o mundo que, de certa forma, encontra-se interligado através das ações humanas é sem dúvida um dos atributos da Geografia. Para tanto, o discente deve ter o discernimento de como operar essa atividade de forma que o aluno aprenda que, dependendo da magnitude de tal acontecimento, este poderá trazer reflexos a sua vida e a das pessoas ao que se relaciona.

Adiante, na questão 10, os discentes vieram a ser questionados na seguinte interpelação: o professor procura questionar os alunos durante a explanação dos assuntos tratados em sala? Essa questão tem como objetivo identificar se o professor procura inserir os alunos nas discussões dos temas abordados na sala de aula. Além disso, tem como finalidade identificar se este discente requer do aluno maior participação nas aulas bem como incentivar a reflexão sobre os assuntos apresentados no ambiente escolar. Para tanto, o gráfico 5 apresentado a seguir nos permite sintetizar essas ideias.

Gráfico 5 - Gráfico das respostas dos alunos ao serem indagados se o professor procura questionar os alunos durante as aulas.



Fonte: Autoria própria, (2017).

Identifica-se que a maioria dos alunos responderam que sim, que o professor problematizar as temáticas mediante o contexto sócio, político e cultural durante a abordagem dos assuntos didáticos. Tal prática é imprescindível para tornar as aulas mais dinâmicas e interessantes, uma vez que o professor ao questionar o aluno proporciona que este venha a pôr

em evidência a sua opinião sobre o assunto em questão. O aguçar epistemológico acionada pelo o professor permite que seu corpo discente descreva as suas opiniões e que sintetizem as suas ideias. É sabido que, enquanto o professor explana a sua aula o aluno gradativamente formula o entendimento sobre o assunto abordado, logo, se o professor toma como iniciativa o questionamento ao aluno, remete imediatamente que esta venha a elucidar em forma de palavras suas ideias e concepções sobre o assunto tratado. Configura-se em uma forma de procurar escutar os alunos, perceber se de fato o corpo discente está assimilando os temas a partir da coerência da explanação de suas ideias.

Finalizando a análise do questionário aferida aos alunos, viemos a indagá-lo na questão 11 o que o professor poderia adotar na disciplina de Geografia para tornar as aulas mais atrativas. Essa questão é uma forma de procurar escutar do aluno que atitudes o discente poderia fazer para melhorar as aulas de Geografia. O referido questionamento vem do entendimento de que o professor, muitas das vezes, acha que suas aulas estão ótimas e que a metodologia adotada consegue atingir seus objetivos didáticos. Assim, dentre as opiniões alavancadas pelos alunos, destacam-se a optativa majoritária pela a realização de aulas de campo. Sem dúvida, o uso desse mecanismo didático permite uma maior aproximação do aluno junto aos objetos de estudo analisados, teorizar e ter a possibilidade de evidenciar tais conceitos na prática permite uma melhor assimilação dos conteúdos abordados.

Outro ponto levantado pelos os alunos estão em dar mais espaço nas aulas para a realização de debates e rodas de conversas. Tal prática, permite a troca de ideias e o exercício da escuta das diferentes opiniões durante as conversas. Esse exercício permite pôr em prática a sistêmica da democracia, uma vez que a permissão de falar e ouvir dos discentes são postos em evidencia com o uso desse mecanismo. Outros exemplos que merecem destaque e que foram trazidos pelos os alunos, são: Trazer palestrantes e realizar debates sobre temas atuais; passar mais filmes que abordem sobre temas diversos; e explicar os assuntos de forma menos resumida.

Um aspecto nos chamou bastante atenção, alguns alunos vieram a direcionar as suas respostas com os seguintes dizeres: “o método da escola sem partido, pois só assim o professor deixaria de doutrinar os alunos em uma ideologia marxista de esquerda” (Aluno X, 2016); Além deste comentário, outra explanação de ideia semelhante veio a chamar a atenção: “o método da escola sem partido” (Aluno Z, 2016);. Essas elucidaciones soaram bem forte ao lê-las, uma vez que, de forma genérica esses alunos estão discernindo que o professor de Geografia está disseminando ideologia de cunho de esquerda. Esse ideário, que começou a ser

mais difundido no ano de 2015, vem a pôr em destaque o quanto pensamentos de cunho conservador pode vir a influenciar justamente os sujeitos, nesse caso os alunos, que deveriam lutar contra essa sistemática retrógrada. Além disso, nos mostra como as mídias vem a influenciar a opinião e imaginário dos alunos, visto que, provavelmente os mesmos não se atentam para a questão de que, nesse caso específico, um grupo de deputados federais querem influenciar o sistema de ensino com mecanismos que definem o viés do debate político no ambiente escolar. Temas como diversidade cultural, opiniões políticas, o incentivo a participação de meios democráticos de direitos (manifestações, atos públicos), não devem ser praticados na escola, local esse que deve funcionar justamente ao contrario desses ideais, uma vez que é nesse local que o sujeito deve ser incentivado a se inserir nas manifestações do exercício da cidadania.

Contudo, como sabemos, tudo em nossa vida tem um cunho ideológico. O estabelecimento de nossas relações sociais, nas mais variadas escalas, veio a compor a nossa personalidade e, conseqüentemente, nosso cunho ideológico. Nesse contexto, é inevitável que o ato de ensinar nunca estará longe de um viés ideológico. Todavia, esse debate é louvável, uma vez que é justamente no ambiente escolar que deve ser o palco das indagações, dos questionamentos e do confronto de ideias. Tudo isso, contribui para a construção conjunta do conhecimento, um ambiente que possibilite o debate sadio e promissor, calcado no respeito as divergências de ideias.

Outro ponto que merece destaque ao se analisar as respostas dadas pelos os alunos a questão em discussão, foram os adjetivos positivos direcionados ao modo em que o professor de Geografia configura as suas aulas. Explicações como: “Para mim as aulas do professor estão ótimas; ou “Não precisa mudar nada, gosto da forma que ele ensina; e “Para mim está perfeito da forma que esta”, são exemplos dados para expressar a eficiência dada pelo professor na transposição de suas aulas.

Assim, escutar as opiniões dos alunos no que se refere aos mecanismos que podem ser adotados nas aulas, permite uma reflexão na busca de uma melhoria constante no processo de ensino aprendizagem. Ou, como salienta Kaercher (2014), ouvir as palavras dos alunos além de permitir que estes expliquem as suas opiniões, fazem com que eles adquiram a percepção de que estão efetivamente participando das aulas e que estão construindo as ideias de forma conjunta, tanto com o professor como também com seus colegas de sala. Escutar nossos alunos permite refletir sobre nossas práticas e não se fechar em um vazio epistemológico superior.

6.2 ANALISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.

Nesse momento iremos analisar as questões aferidas junto ao professor titular da disciplina de Geografia nas turmas observadas. Esse questionário tem como objetivo principal relacionar, e a até mesmo confrontar, as respostas dadas pelos os alunos no questionário aplicado a eles. Além disso, iremos diligenciar como e se o professor procura direcionar os ensinamentos geográficos tomando como perspectiva metodológica os aspectos inerentes ao cotidiano vivenciado por seu corpo discente. Para uma melhor compreensão da estruturação do questionário abordado, sugerimos que os leitores consultem o apêndice B que disponibiliza o referido questionário aplicado junto ao professor

Inicialmente, viemos a questionar onde o professor entrevistado reside, aonde o mesmo veio a dizer que mora no município de Parnamirim no bairro de Emaús. Essa localidade é bem próxima ao local onde se encontra instalada a escola em evidencia. Sobre o grau de instrução desse profissional, está cursando mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e que já leciona a 5 anos na escola campo de estudo desse trabalho. Isso nos leva a crer que esse profissional já possui certo vínculo e afinidade tanto com os outros profissionais que compõem a instituição de ensino, como também já exerce durante um tempo considerável uma possível relação com os espaços que margeiam o ambiente escolar.

Posteriormente, na terceira questão, o professor veio a ser indagado se vem a exercer atividade trabalhista em outra instituição de ensino. O mesmo veio a responder que, além de vínculo estadual, possui vínculo estatutário junto ao município de Natal e também exerce atividade laboral em uma instituição de ensino privada. Essa dinâmica nos possibilita sistematizar a ideia que o docente possui bastante experiência na área de ensino, uma vez que trabalha em três instituições distintas. Contudo, essa carga de trabalho pode vir a ser um empecilho para uma maior dedicação de ensino junto as instituições citadas. Essa característica em que muitas das vezes os profissionais de educação terem dois ou mais vínculos de trabalho, reflete a pouca desvalorização salarial ao qual esse grupo de trabalhadores perpassam perante o mercado de trabalho, o que leva, muitas das vezes, ao profissional docente ter que trabalhar em várias instituições afim de ter um maior ganho financeiro.

Agregado a esses aspectos negativos que interferem na questão da disposição do professor em se dedicar exclusivamente a uma determinada instituição de ensino, comumente encontramos, principalmente nas escolas públicas estaduais e municipais, estruturas físicas deficitárias. Problemas como a falta de materiais básicos usados no dia a dia (papel, lápis,

tinta, cartolina, etc.), salas mal planejadas na questão de arejamento, salas com quantidade de alunos superior à sua capacidade, deficiências nas bibliotecas e laboratórios, dentre outros inúmeros exemplos, irão influenciar de forma efetiva no processo de ensino e aprendizagem (KAERCHER, 2014). Mas, vale salientar que a maioria desses exemplos não se aplicam a escola pesquisada.

Posteriormente esse profissional foi indagado se conhece onde a maioria de seus alunos residem. Sua resposta foi que a maioria reside no bairro Planalto e Pitimbu. Acertadamente, tomando como comparação a questão 1 do questionário aplicado junto aos alunos, e sistematizado no gráfico 1 evidenciado anteriormente, o profissional obteve êxito em suas explicações. Isso nos remete a crer que esse docente possui certa afinidade com os seus alunos e que tem a possibilidade de usar o território, e a manifestação de seus diversos fenômenos, que compreende esses bairros em que os alunos residem como escala de análise a ser trabalhada em sala.

Em seguida, na questão 5, viemos progredir a seguinte questão: Você procura ou procurou saber algumas das características ambientais, sociais, e econômicas do(s) bairro(s) onde seus alunos dos 2^{os} Anos do Ensino Médio? Quais? E como adquiriu essas informações? Sobre isso essa questão tivemos a seguinte resposta: “Sempre busco contextualizar os conteúdos à realidade dos alunos e da comunidade. Busco observar e perguntar aos alunos sobre o bairro. Inclusive discutimos algumas questões relativas a estas localizadas nas aulas”. Assim, é perceptível que esse profissional procura, em suas explicações de ensino, contextualizar e exemplificar os conteúdos didáticos tomando como questão fenômenos que estão presentes nos bairros em que seus alunos residem. Essa afirmação ganha ainda mais força ao aglutina-la a questão 6 aplicada aos alunos, e sistematizada no gráfico 03 apresentado anteriormente.

Sobre essa perspectiva nós fazemos lembrar dos dizeres de Cavalcanti (2010), aonde enfatiza que ensinar é organizar situações de aprendizagem, criando condições que favoreçam a compreensão da complexidade do mundo, do contexto, do grupo, do ser humano e da própria identidade. Nos remete ao incentivo com a identificação de temas ou problemas de investigação trabalhados e/ou vivenciados pelos os alunos, discutir sua importância, possibilitar a articulação entre diferentes pontos de vista, reconhecer distintos caminhos a seguir na busca de sua compreensão ou solução, negociar redefinições, incentivar a busca de distintas fontes de informações ou fornecer informações relevantes. Tais premissas tem como

objetivo o favorecimento a elaboração de conteúdos e a formalização de conceitos que propiciem uma aprendizagem significativa para os alunos.

Em seguida, na questão 6, o entrevistado veio a ser convidado a enumerar os itens das fontes ao qual utiliza como referência para ministrar as suas aulas. Dentre as opções obtivemos a seguinte conjuntura apresentado no quadro 5 apresentado a seguir.

Quadro 5 - Utilização dos recursos didáticos usado pelo professor.

Recursos utilizados	Nota de utilização dos recursos (0 a 10)
Livro Didático oferecido pela a Escola	10
Jornais e revistas (eletrônicos e impressos)	6
Vídeos de documentários	8
Matérias de telejornais	7
Artigos Científicos	4
Notícias de Blogs	9
Livros Variados	5

Autor: Aatoria própria, (2017).

Como podemos perceber as opções de recursos que são mais utilizados pelo o professor são: o livro didático; os documentários; as matérias de telejornais; notícias de blogs; e notícias de jornais e revistas. Essas explanações entram em consonância com o que foi elencado pelos os alunos na questão 7 do questionário aplicado junto a esses sujeitos e estruturado através do gráfico contido na figura 10, aonde, em linhas gerais os itens elencados pelos os alunos convergem com as escolhas do professor para virem a ser utilizados em suas aulas.

Como podemos perceber a quantidade de recursos em que o professor vem a utilizar para a sistematização de suas aulas é bem consistente e variável. Isso nos remete a crer que esse profissional não se assegura somente no recurso didático mais utilizado em sala de aula nas escolas em geral, o livro didático. Uma vez que utiliza recursos que o possibilita estar sempre atualizado frente as informações existentes nos mais variados meios de se obter conhecimento. Nessa perspectiva, o profissional docente tem a oportunidade de explanar junto aos alunos que a Geografia não se resume aos assuntos que estão contidos no livro didático, uma vez que essa ciência engloba os mais variados fenômenos existentes. Quero dizer, e aqui pegando novamente as ideias de Cavalcanti (2010) que o profissional de Geografia tem a virtude de poder utilizar diversos mecanismos nas abordagens dos assuntos didáticos , pois a manifestação dos acontecimentos, de uma forma ou de outra, há algo geográfico contido.

Em seguida, na questão 7, esse profissional elencou, dentro de uma grade de exemplos que continham os procedimentos metodológicos utilizados em suas aulas. Nisso, esse profissional veio a enfatizar que utiliza todas as metodologias exemplificadas, que são: aula expositiva; aula expositiva dialogada; roda de conversas e aulas de campo. Isso nos remete a crer que esse profissional dinamiza bastante as suas aulas, uma vez que permite que o aluno venha a ter contato com várias formas de ensino e metodologias. Além disso, essa variação possibilita com que o corpo discente aproxime-se da disciplina geográfica de várias formas, seja escutando o professor, participando das aulas, indagando o professor e os seus colegas, dentre várias outras formas. Contudo, vale salientar que o item selecionado por esse profissional, no caso da aula de campo, foi um dos principais requisitos solicitados pelos os alunos na questão 10 do questionário aplicado a esses sujeitos. Sendo assim, talvez o quantitativo dessa metodologia de ensino esteja sendo aplicada de forma insuficiente no ambiente escolar.

Adiante, na questão 8, o professor foi indagado se procura usar como suporte o auxílio de algum documento oficial que rege o Ensino, em especial o Ensino de Geografia. Para tanto, obtivemos a seguinte resposta: “Nem sempre. Devido à exiguidade de tempo e carga horaria, infelizmente não é possível”. Percebe-se que mais uma vez a questão da carga horaria dedicada as outras instituições de ensino, onde esse profissional vem a exercer atividade trabalhista em duas outras instituições, vem a influenciar diretamente sobre essa questão da utilização dos documentos oficiais que regem o ensino, em especial o ensino de Geografia.

A não utilização dos documentos oficiais que regem o ensino de Geografia é uma questão que merece reflexão, uma vez que tais documentos oferecem a estruturação inicial e continuada dos meios de como o profissional docente pode vir a abordar os temas curriculares. Usando os Parâmetros Curriculares Nacionais (como exemplo dessa abordagem salientamos, que os dentre os vários instrumentos contidos nesse documento, esse documento oferece os parâmetros necessários para compreender como se a sociedade encontra-se estruturada. Permite que o docente ponha em prática junto aos alunos a ampliação por parte destes de ampliar o seu poder de observação, comparação e representação social dos lugares.

Em seguida, o professor foi interpelado na seguinte questão: Você acha importante que os professores do Ensino Básico procurem trabalhar os assuntos didáticos interligados com o que os seus alunos vivenciam em seu cotidiano? Por que? A resposta a tal questão foi: “Sim, permite o ensino significativo, dando valor e sentido ao que se estuda”. Tal afirmação nos remete a conceber que o professor compreende a importância de se trabalhar os assuntos

geográficos de tal forma que englobe os fenômenos que estão presentes no cotidiano de seus alunos. Assim, com tal prática, é esperado que os discentes possam dar valor ao que é estudado em sala de aula, uma vez que torna-se possível relacionar os temas explanados no ambiente escolar com o que é vivenciado por eles.

Subsequentemente, especificamente na questão 10, o profissional entrevistado respondeu a seguinte questão: Diante do quadro de Globalização vigente nos dias atuais, aonde muitas das vezes os meios de comunicação, os livros didáticos, as redes sociais, dentre outros mecanismos, dão maior ênfase aos assuntos Globais, você tem conseguido articular a escala Global e a Local na ministração de suas aulas? Se sim, que procedimentos tem utilizado? Para esse questionamento obtivemos a seguinte resposta: “Sim, é imprescindível que o façamos a ponte entre o local e o global para que os alunos entendam a realidade que os cercam. Para tanto utilizo, documentários, matérias de jornais, seminários, filmes, etc”. De fato, segundo as explicações dos alunos na questão 8 aplicadas a eles e justaposto novamente pela a análise do gráfico 05, esses recursos são usualmente utilizados pelo o professor em suas aulas.

Sobre essa explicação recorreremos a Vesentini (2009) em que remete a dizer que a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais. Dai surgiu a necessidade do professor ter a compreensão e a perspicácia de saber trabalhar determinado assunto didático de tal forma que o aluno possa compreender que determinado fenômeno reflete sobre os mais variados lugares, inclusive o seu próprio.

Posteriormente, o professor foi interpelado pelo o seguinte questionamento: Como você avalia se as suas aulas estão atraindo o interesse dos alunos? Nisso, obtivemos a seguinte resposta: “Diante de todo o contexto atual e de toda a problemática que envolve o ensino no país, acredito que de certa forma consigo atingir meus objetivos”. Percebe-se que o professor não possui um método próprio para avaliar se os seus discentes compreenderam e/ou adquiriram os conhecimentos proporcionados pelos os assuntos tratados. Nessa sistemática, corre-se o risco de acharmos que a simples abordagem dos assuntos, mesmo que da forma mais didática possível, obteremos êxito em nossas explicações. Risco serio percorrido no processo de ensino e aprendizagem escolar.

Adiante o professor foi inquirido a descrever a seguinte questão: Liste alguns procedimentos que você utiliza para tentar trazer um maior diálogo na transposição de suas aulas. A resposta foi: debates e seminários. Esses mecanismos, permitem que ocorra uma

maior interação na sala de aula, em especial os debates. Contudo, a para a aplicação dos seminários torna-se necessário, a priori, que o professor procure direcionar, principalmente se pretende trazer maior nível de diálogo nos assuntos tratados nos respectivos seminários, os seus orientandos a questionarem os seus próprios colegas durante as suas explicações. Uma vez permitido a participação dos demais, poder-se-á realizar seminários que possibilitem um maior nível de diálogo entre os sujeitos.

Em seguida, na questão 13, o discente veio a responder à questão que elenca os seguintes dizeres: Você procura utilizar nos seus métodos avaliativos exemplos de situações existentes nas localidades onde residem, ou fazem parte do cotidiano de seus alunos? Exemplifique. A resposta a esse questionamento foi: “Sempre, porque a partir disso podemos contextualizar com o conteúdo e permitir a construção do pensamento geográfico”. Percebemos que o professor procura interligar os assuntos da Geografia escolar com o que é vivenciado por seu corpo discente, em uma perspectiva de procurar que estes venham a ter noção que a Geografia é feita em seu cotidiano. Que através de suas relações nos mais diferentes ambientes o aluno pode vir a relacionar os conceitos e temas geográficos com o que é vivido por ele.

Sobre essa sistêmica, achamos importante disponibilizar uma reflexão sobre o papel do professor perante a instituição escolar levando como referencia a atuação do professor como sujeito ativo no ambiente escolar. O professor deve atuar como mediador, facilitador, incentivador, desafiador, investigador do conhecimento, da própria prática e da aprendizagem individual e grupal. A tempo que aborda em sala os assuntos, o professor coloca-se como parceiro dos alunos, respeita-lhes o estilo de trabalho e os caminhos adotados em seu processo evolutivo. Os alunos constroem o conhecimento por meio da exploração, da navegação, da comunicação, da troca, da representação, da ligação/religação, contrariando as ideias e ações tradicionalistas da educação (VESENTINI, 2009).

Finalmente, na questão 14, o professor alvo desses questionamentos veio a responder a seguinte questão: Na sua opinião que procedimentos, técnicas e/ou metodologias os professores de Geografia deveriam utilizar em suas aulas para tornar essa disciplina mais atrativa para os alunos? Para tal questionamento obtivemos a resposta de que: “Acredito que além das tecnologias existentes, o diálogo é fundamental”. Tomando como parâmetro a resposta desse profissional nos faz lançar a seguinte reflexão: na atualidade encontra-se disponível para a sociedade, e em especial aos jovens, uma quantidade de recursos interativos

das mais variadas espécies. Televisão, computadores, telefones celulares, games, dentre outros aparelhos, permite ao aluno explorar o mundo de diversas formas possíveis.

A rede mundial de computadores possibilita termos informações sobre os mais variados assuntos. Nessa conjuntura, atrair a atenção e o interesse dos jovens pelos os assuntos trabalhados em sala de aula, torna um desafio perante as possibilidades que esses aparelhados eletrônicos possuem. Contudo, cabe ao professor se apoderar da utilização desses mecanismos e utiliza-los no ambiente escolar de forma mais diversificada possível, afim de que os alunos tenham maior aptidão em aprender Geografia com o uso desses instrumentos.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA

A partir da pesquisa aplicada junto aos sujeitos que compõem as turmas do 2º ano (A, B e C) do período vespertino da Escola Estadual Professor Antônio Pinto de Medeiros especificamente no transcorrer das aulas da disciplina de Geografia, aonde tivemos como objetivo geral analisar como o professor dessa disciplina procura estabelecer conexões entre os conteúdos curriculares e os aspectos vivenciados por seu corpo discente tomando como evidencia as relações estabelecidas com o lugar em que vivem, tivemos resultados favoráveis as indagações a priori fundamentadas. A partir das observações realizadas nas referidas turmas podemos percebermos que o professor procura estabelecer conexões entre os assuntos didáticos que compõem o conteúdo programático da disciplina de Geografia junto aos aspectos vivenciados pelos os alunos no seu cotidiano. Esse aspecto veio a se manifestar de diversas formas, merecendo destaque as questões ambientais, econômicas, políticas e socioculturais vivenciados pelo corpo discente.

No que se refere as apurações aferidas no tocante ao caso de compreender se o lugar de vivência do estudante é discutido dentro do ambiente de sala de aula intermediado pelos assuntos geográficos trabalhados pelo o professor dessa disciplina, tivemos resultados satisfatórios. Para atingir tais objetivos o professor procura variar nos métodos de ensino, utilizando recursos que ofereçam uma maior dinâmica e interação entre os assuntos geográficos e a manifestação destes no dia a dia dos discentes. Além disso, esse profissional procura sempre que possível inserir os alunos na dinâmica da abordagem dos assuntos trabalhados, questionando-lhes sobre os conteúdos abordados e escutando as suas opiniões. Nesse contexto, viemos a perceber de como a categoria de análise do lugar é princípio fundante para que o aluno venha a perceber como a Geografia se manifesta em seu cotidiano, uma vez que é através deste que esses sujeitos podem vir a compreender que a utilidade da Geografia para questões que estão presentes nos mais variados contextos, tais como: saúde; segurança; vulnerabilidade ambiental; economia; política; dentre outros fenômenos.

Sobre a avaliação que interpelamos ao analisarmos se existem dificuldades/entraves, por parte do professor, de se trabalhar a categoria de análise do Lugar relacionado ao cotidiano do aluno viemos a perceber que as dificuldades encontradas estão voltadas principalmente as questões estruturais da escola, uma vez que nas observações obtidas viemos a constar que a instituição de ensino oferece poucos recursos que venham a se aliar aos já utilizados, tais como o livro didático e materiais audiovisuais. Outrora recursos oferecidos por computadores ligados a internet não são utilizados devido à ausência de laboratório de

informática na escola. Todavia, o professor procura suprir essas dificuldades variando os recursos didáticos usados em sala, utilizando documentários, filmes, textos variados, debates em sala de aula, dentre outros recursos.

De maneira geral viemos a perceber, tanto através das observações aferidas em sala como a partir do questionário aplicado, que o corpo discente acha importante estudar Geografia, visto que, dentre outros aspectos, lhes proporcionam uma melhor compreensão da realidade ao qual estão inseridos e os permitem desenvolver intelectualmente. Além desses aspectos, viemos a constatar que os alunos, de maneira geral, gostam da dinâmica intermediada pelo professor no transcorrer das aulas, uma vez que a utilização de vários recursos didáticos e a procura da inserção dos alunos nos debates dos assuntos trabalhados permite uma aprendizagem mais concreta e significativa.

É inegável o desafio promissor da pesquisa. Pensar que “dar” aula é um processo fácil é uma conceituação abstrata que foge da realidade escolar, principalmente quando o campo de atuação são as escolas públicas de tutela do estado. Considerando os mais diversos aspectos que infelizmente estão presentes no ambiente escolar como: pouco interesse dos alunos nas aulas; estrutura física das escolas degradante; baixos salários dos professores; dentre outras variáveis acabam em influenciar diretamente sobre a estruturação do processo de ensino aprendizagem.

Contudo, mesmo com todas as dificuldades que sabemos que estão presentes no ambiente escolar, foi possível constatar através dessa pesquisa que existem formas de tentar fazer do ensino um processo que acarrete aptidão, por parte dos alunos e do professor, em querer aprender e ensinar. Nessa conjuntura, um dos mecanismos que podem ser utilizados para uma aprendizagem significativa, especificamente na disciplina de Geografia, é utilizar os aspectos vivenciados pelos os alunos nos lugares em que concretizam as suas ações diárias. Vários são os teóricos que enfatizam a defesa dessa metodologia, mas infelizmente, ainda persiste um ensino geográfico demasiadamente pautado em questões tradicionalistas, aonde, como por exemplo, impera a ideia de que o ato de decorar determinado conjunto de elementos e conceitos por parte do aluno, este estará aprendendo Geografia. Aliado a isso o pouco incentivo por parte do professor em organizar as suas aulas de forma que possibilite maior participação dos alunos é um problema a ser perseguido e enfrentado.

Felizmente, essas questões metodológicas não foram constatadas na pesquisa aferida, uma vez que o professor titular responsável pela disciplina de Geografia nas turmas analisadas, utiliza de vários mecanismos para tentar dinamizar e procurar maior participação

dos alunos nos assuntos trabalhados. O uso constante de recursos didáticos variados como: documentários; filmes; notícias de jornais e revistas; discussão de assuntos atuais; dentre outros, permite com que o aluno tenha uma diversidade de técnicas que venham trazer interesse em apreender os assuntos tratados. Outro ponto bastante importante e que merece destaque é a atitude do professor em sempre procurar relacionar os assuntos da Geografia com elementos vivenciados por seus alunos em seu cotidiano. Essa prática foi constatada e exemplificada pelos próprios alunos, uma vez que, em diversos momentos vieram a interpelar exemplos de como o professor utiliza dessa prática de ensino.

Trata-se na verdade da busca de uma aprendizagem significativa, para com que o aluno venha a desvencilhar em seu dia a dia o uso e utilidade da Geografia escolar. O uso do lugar vivenciado pelo o aluno como categoria de análise permite, sem dúvida, uma maior aproximação da Geografia para com o aluno, uma vez que este pode observar cotidianamente como essa disciplina se manifesta. Enfim, essa busca utilitária da Geografia para a vida dos alunos é uma forma de continuarmos procurando melhorar cada vez mais nossas práticas como profissional docente e como constante aprendiz.

Faz-se necessário compreender e identificar como se dá as múltiplas relações dos sujeitos que imprimem sobre o espaço uma construção e desconstrução dada por desencadeamentos sociais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? muda o ensino. In: FERNANDES, Bernardo Mançano (Org.). **Paradigmas da Geografia**. São Paulo: Terra livre, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2002. p. 133 – 152.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; MORAES, Jerusa Vilhena de; SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. Jogos e resolução de problemas para o entendimento do espaço geográfico no ensino de geografia. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.) **Educação geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Unijuí, 2011.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA; Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HAHN, Jussie Bittencourt. **As relações do ensino de geografia com os arredores da escola: como o lugar de vivência do aluno pode potencializar sua aprendizagem**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/111854?locale=pt_BR>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- JUNIOR, Aloysio Martins de Araújo. O ensino de Geografia e as novas demandas do capital. In: _____GIORDANE, Ana Cláudia et al (Orgs). **Aprender a ensinar Geografia: a vivencia como metodologia**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- HANNOUN, Hunbert. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: UNESP, 1998.
- KAERCHER, N. A. **Se a geografia escolar é um pastel de vento o gato comeu a geografia crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed . São Paulo: Atlas, 2007.
- LANDIM, Francisco Otávio Neto; BARBOSA, Maria Edivani Silva. **Ensino de geografia na educação básica: uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia escolar**. Geosaberes, Fortaleza, v. 1, n. 2, p.160-179, dez. 2010. Anual. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5547947.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2016.
- LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez,1994. (Coleção magistério. Serie formação do professor).
- _____. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. Goiânia: Cortes, 1998.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Para pensar cultura escolar a partir da periferia globalizada. In: NUNES, Flaviana Gasparotti (Org.). **Ensino de Geografia: novos olhares e práticas**. Dourados: UFGD, 2011. p. 129-156.
- PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.
- PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- REGO, N; CASTROGIOVANNI, A. C; KAERCHER, N. A. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. v. 2.
- RICARTE, Daniel de Brito; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes de. As novas tecnologias da informação e comunicação na perspectiva do ensino de Geografia. In: SOUSA, Robson

- Pequeno de; MOITA, Filomena M. C. da S. C.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes (Org.). **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: Eduepb, 2011. p. 259-265.
- SANTOS, Laudenides Pontes dos. **O estudo do lugar no ensino de geografia: os espaços cotidianos na geografia escolar**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de Rio Claro, Rio Claro, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95559/santos_lp_me_rcla.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006 (Coleção Milton Santos; 1).
- _____. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SANTOS, Laudenides Pontes dos. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. **Geografia, ensino e pesquisa**, Paraíba, v. 16, n. 3, p.107-122, 2012. Trimestral.
- SILVEIRA, Maria L. **Totalidade e Fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino**. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993.
- Seminário Nacional: currículo em movimento, perspectivas atuais, 1, 2010, Belo Horizonte. **Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Belo Horizonte: Anais do I Seminário Nacional, 2010. 16 p. Disponível em: <<http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2014/04/CAVALCANTI-LANA-DE-SOUZA.-A-GEOGRAFIA-E-A-REALIDADE-ESCOLAR-CONTEMPORÂNEA-ENDIPE-BH.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- SILVA, Elisiane da; NEVES, Gervásio Rodrigo; LIANA, Bach Martins (Org.). **Milton Santos: O espaço da cidadania e outras reflexões**. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. v. 2. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro).
- VESENTINI, José William. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. Plêiade: São Paulo, 2009.
- _____. Ensino da Geografia e Luta de Classes. In _____ OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino da Geografia?** 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

APÊNDICE A – Entrevista aplicada junto aos alunos.

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO NORTE
COORDENAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Este formulário é componente do projeto da monografia intitulado

Lugar, cotidiano e ensino-aprendizagem de geografia: uma análise de como o professor dessa disciplina trabalha essas perspectivas na Escola Estadual Professor Antônio Pinto Medeiros em Natal-RN.

**Autoria: Diego Glemerson de Lima e Silva;
Professor Orientador: João Correia Saraiva Junior**

Questionário destinado aos discentes

Nome (opcional):_____.

Idade (opcional):_____.

Profissão dos responsáveis:_____.

Turma:_____.

1) Bairro em que reside? A quanto tempo reside nesse Bairro?

_____.

2) Costuma caminhar ou andar de bicicleta pelo Bairro em que reside e/ou nos bairros próximos?

_____.

3) Marque com X os elementos que você tem certeza que caracteriza (esta presente) no Bairro em que reside e/ou nos Bairros próximos.

() Insegurança;

() Falta de postos policiais

() Problemas com Drogas;

() Falta de Saneamento Básico;

() Lixo à Céu aberto;

() Falta de Lugares que ofereça opções lazer, como: Praças públicas, Quadras de Esportes, Pistas de skate, patins, etc.

() Quantidade de postos de saúde insuficientes para a população do seu bairro;

() Ausência de Escolas que ofereçam Ensino Médio;

Outros: _____

4) Você acha importante estudar Geografia? Justifique sua resposta.

5) Qual a utilidade da Geografia para você?

6) Durante as aulas de Geografia o Professor procura usar os exemplos dos lugares presentes em seu Bairro? Se Sim cite exemplos dessa experiência.

6) Você acha interessante quando o Professor usa as práticas de trabalhar os assuntos da disciplina de Geografia interligadas com o que é vivenciado em seu cotidiano? Por quê?

7) Marque as alternativas dos métodos em que o Professor de Geografia utiliza nas aulas.

- () Livro Didático;
- () Textos que NÃO estejam presentes no Livro Didático;
- () Filmes;
- () Documentários;
- () Notícias de Jornais e revistas (eletrônicas ou impressas);
- () Realização de Aulas de Campo;
- () Roda de Conversas;
- () Debater Temas da Atualidade;

Outros: _____

8) O Professor de Geografia procura fazer a interligação de exemplos dos assuntos (notícias, problemas, soluções de problemas, medidas adotadas por outros países) que acontecem no mundo para a realidade vivenciado no nosso País, Estado, Cidade, Bairro?

9) Durante as aulas o Professor de Geografia procura questionar os alunos sobre determinado tema que englobe os assuntos tratados nas aulas?

10) Na sua opinião o que Professor poderia adotar para que a disciplina de Geografia viesse a se tornar mais atrativa para os alunos?

Muito obrigado por sua colaboração!!!

APÊNDICE B – Entrevista aplicada junto ao professor titular de Geografia.

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO NORTE
COORDENAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Este formulário é componente do projeto da monografia intitulado

Lugar, cotidiano e ensino-aprendizagem de geografia: uma análise de como o professor dessa disciplina trabalha essas perspectivas na Escola Estadual Professor Antônio Pinto Medeiros em Natal-RN.

**Autoria: Diego Glemerson de Lima e Silva;
Professor Orientador: *João Correia* Saraiva Junior**

Questionário destinado ao docente

Nome (opcional): _____.

Idade (opcional): _____.

Titulação: _____.

1) Cidade e Bairro em que reside.

2) A quantos anos leciona a disciplina de Geografia nessa Escola?

**3) Trabalha em mais alguma instituição ou exerce alguma outra função trabalhista em outro lugar?
Onde?**

**4) Você sabe aonde reside a maioria de seus alunos das turmas dos 2^{os} Anos do Ensino Médio?
Onde?**

5) Você procura ou procurou saber algumas das características ambientais, sociais, e econômicas do(s) bairro(s) onde seus alunos dos 2^{os} Anos do Ensino Médio? Quais? E como adquiriu essas informações?

6) Numere utilizando os números de **0** (zero) a **10** (dez) as alternativas em que as opções de fontes que você utiliza como referência para ministrar as suas aulas.

Livro Didático oferecido pela a Escola ()

Artigos Científicos ()

Jornais e revistas (eletrônicos e impressos) ()

Notícias de Blogs ()

Vídeos de documentários ()

Livros Variados ()

Matérias de telejornais ()

Outros: _____

7) Quais desses procedimentos metodológicos você utiliza para ministrar as suas aulas?

Aula expositiva ()

Aula expositiva Dialogada ()

Roda de conversas ()

Aulas de Campo ()

Outros: _____

8) Procura usar como suporte o auxílio de algum documento oficial que rege o Ensino, em especial o Ensino de Geografia? Quais?

9) Você acha importante que os professores do Ensino Básico procurem trabalhar os assuntos didáticos interligados com o que os seus alunos vivenciam em seu cotidiano? Porquê?

10) Diante do quadro de Globalização vigente nos dias atuais, aonde muitas das vezes os meios de comunicação, os livros didáticos, as redes sociais, dentre outros mecanismos, dão maior ênfase aos assuntos Globais, você tem conseguido articular a escala Global e a Local na ministração de suas aulas? Se sim, que procedimentos tem utilizado?

11) Como você avalia se as suas aulas estão atraindo o interesse dos alunos?

11) Liste alguns procedimentos que você utiliza para tentar trazer um maior diálogo na transposição de suas aulas.

12) Você procura utilizar nos seus métodos avaliativos exemplos de situações existentes nas localidades onde residem, ou fazem parte do cotidiano de seus alunos? Exemplifique.

13) Na sua opinião que procedimentos, técnicas e/ou metodologias os professores de Geografia deveriam utilizar em suas aulas para tornar essa disciplina mais atrativa para os alunos?

Muito obrigado por sua colaboração!!!